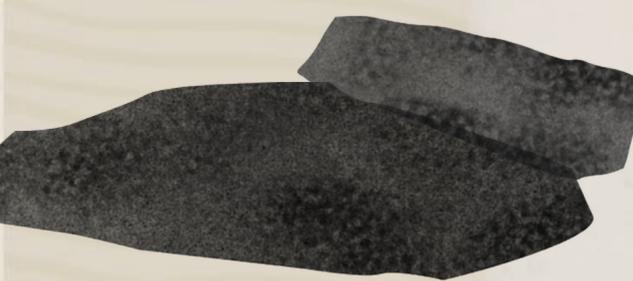




PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

CAIS DE IDEIAS

VALONGO



Realização:



Apoio:



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO



No país desde 2010, a State Grid Brazil Holding (SGBH) vem desde então investindo continuamente em projetos que beneficiam a sociedade, **promovendo cultura, educação, saúde, esporte e preservação do meio ambiente**, com o objetivo de contribuir com o desenvolvimento sustentável no Brasil.

As ações apoiadas pela companhia estão em linha com o seu propósito de sólidos valores sociais, conectados à visão de sustentabilidade que norteia uma gestão eficiente e responsável, proporcionando uma convivência harmoniosa entre a infraestrutura elétrica e os habitantes das cidades e áreas rurais onde a companhia atua.

O apoio da SGBH na revitalização do Cais do Valongo reforça sua participação na reconstrução da identidade brasileira, atuando em prol da **proteção e preservação deste sítio arqueológico**, importante herança cultural e histórica da humanidade.

A visão da companhia é de construir, junto com a sociedade, negócios conectados a ações globais que gerem valor a longo prazo. Com isso, procuramos impulsionar empresas, cidadãos e países a caminharem juntos para promover a sustentabilidade econômica, social e ambiental globalmente.



STATE GRID
CORPORATION OF CHINA

O IDG se aproximou do Cais do Valongo por meio de sua gestão no Museu do Amanhã, iniciada em 2015. Na ocasião foi criada uma gerência, Relações Comunitárias, específica para a criação de projetos voltados para a sua vizinhança do museu. A área se relaciona com os moradores, as escolas e as instituições culturais da região portuária no desenvolvimento e na criação coletiva de projetos como o Mauá 360, Evidências das Culturas Negras, Entre Museus e outros, valorizando a cultura popular e sofisticada da região, e reconhecendo o Cais do Valongo como patrimônio brasileiro e mundial. Em 2017, o sítio histórico e arqueológico foi tema de um seminário internacional organizado pelo IDG que debateu a importância de sua candidatura a Patrimônio Mundial na UNESCO, que se confirmaria em julho daquele ano. Para isso foi criada a Comissão da Matriz Africana do Museu do Amanhã, que além do seminário organizou uma semana de uma programação cultural bastante diversa, com várias instituições parceiras da região portuária.

Desde 2018, o Instituto passou a atuar diretamente na gestão de projetos no local, por meio de ações de restauração, melhorias de infraestrutura, socialização do bem e educação, como esta que agora se materializa no “Valongo, Cais de Ideias”. Com a experiência que temos também em gestão de patrimônio e memória, como é o caso do Paço do Frevo, em Recife, acreditamos na educação patrimonial como uma importante ferramenta de sensibilização para a história e a preservação de nossos bens culturais, materiais e imateriais.

Com este projeto, esperamos que os conhecimentos, saberes e memórias dos milhares de africanos e africanas que aportaram aqui como escravizados, mas que resistiram, criaram e ajudaram a fundar o país como o conhecemos, sejam (re)conhecidos, valorizados e multiplicados.

A preservação do Cais do Valongo é de fundamental relevância para conhecermos a nossa história. A linha de investimentos sociais do BNDES tem justamente o objetivo de fomentar a realização de projetos sociais como esse. O projeto também contempla a participação de estudantes das escolas municipais do entorno para que essa história seja contada para essa e para as próximas gerações.

Conrado Leiras Matos, Chefe do Departamento de Educação e Investimentos Sociais do BNDES



07

APRESENTAÇÃO DO PROJETO

→ Texto da organização do projeto *Jéssica Hipolito, Luis Araújo*

11



MATAR O PÁSSARO DO ONTEM COM A PEDRA DO HOJE História, memória e Descolonização

→ Arqueologia como pedra de toque para o 'não esquecimento do Cais do Valongo *Rosana Najjar*

→ O Cais do Valongo e sua região: História de dor e de afirmação *Mônica Lima*

21



PALAVRAS MÁGICAS A dobra da linguagem

→ Conversas Ancestrais *Ludmilla Lis*

→ O Cais do Valongo, seus crimes e redenções *Eliana Alvez Cruz*

32



ENCANTAMENTOS E (IN)CORPORAÇÕES Formas de pensar o Corpo e os Afetos

→ Nós Cais *André Vargas*

→ Deslocamentos dos afetos *David Alfredo*

42



DE ROLÉ POR AÍ... Vivenciando o território

→ Ideias para cuidar e cultivar nossa ancestralidade *Mãe Celina de Xangô*

→ O Cemitério dos Pretos Novos *Rafael Moraes*

→ Rolé no Porto do Rio e a primeira favela *Cosme Felippsen*

→ Caminhos de Tia Ciata: A matriarca do samba *Evandro Luiz da Conceição e Gracy Mary Moreira*

60

ESPAÇO DE INTERAÇÃO COM O VÍDEO EDUCATIVO

→ Apresentação do roteiro e especificações técnicas

Caderno de ideias

Jéssica Hipolito

é museóloga, doutoranda em Memória Social (UNIRIO), com atuação nas áreas de patrimônio, cultura e educação, tendo como foco o debate sobre a presença das narrativas negras nos espaços de memória e as estratégias antirracistas de atuação.

Luis Araújo

é arquiteto e urbanista, doutorando em História Social da Cultura (PUC-Rio). Desenvolve trabalhos nas áreas de pesquisa, educação e cultura, em conexão com as questões que envolvem o racismo, as relações de poder e sua expressão material e simbólica.

Agô¹!

É costume, em algumas tradições de matriz africana, pedir licença para começar uma fala, ou como forma de iniciar uma conversa quando chegamos em algum lugar. Por isso, gostaríamos de começar pedindo licença, já que este também é um texto de chegada.

Chegar em algum lugar pressupõem que foi realizada uma caminhada, que um percurso foi trilhado até que o ponto alcançado se torne mais do que uma imagem na nossa cabeça. É justamente este o momento em que nos encontramos. A publicação que apresentamos aqui é fruto de um intenso percurso de encontros virtuais, realizados entre 14 de Outubro e 04 de Dezembro de 2020, no âmbito do curso de formação em Educação Patrimonial 'Valongo, Cais de Ideias', voltado para profissionais da educação formal e não formal. Ao longo desta caminhada compartilhamos conhecimento, narrativas, memórias, histórias, saberes e afetos, que agora ganham mais uma forma de circulação a partir deste 'Caderno de Ideias'.

Acreditamos que todo conhecimento está sempre em transformação, e que através de idas e vindas os saberes se assentam na forma de educação. Por isso, nosso convite é que esta publicação seja experimentada como uma nova jornada, servindo como um suporte para fortalecer ações educativas nas mais diversas áreas.

O ponto de partida desta trajetória é o Cais do Valongo, atualmente um Sítio Arqueológico e Histórico, outrora local de chegadas e saídas que teceram, em um fluxo intenso, as teias complexas de saberes e afetos que compõem as memórias que evocamos aqui. Continuaremos considerando o Valongo como um cais, mas agora, um 'Cais de Ideias'. Um local, material e simbólico, de onde iremos partir e regressar constantemente, mantendo o movimento de entrelace que constrói o sentido histórico e cultural deste patrimônio que, a cada novo olhar, adquire diferentes significados.

É a partir da importância, e da urgência, de refletirmos sobre o papel do Cais do Valongo como um dos maiores portos de entrada de africanas e africanos escravizados na história das Américas, que define a rota que iremos seguir. Espaço, lugar, território, detentor de uma expressividade incontestável na história mundial. Testemunho da violência secular da escravização negra, base fundante da sociedade ocidental. O Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo é nomeado Patrimônio Mundial pela UNESCO em 2017 como *"sítio de memórias sensíveis"*, justamente por ser entendido como a materialidade e evidência de uma história de abusos contra a dignidade humana. O reconhecimento da humanidade em corpos negros, mascarados pelo estigma da exploração e violência, é ainda uma dificuldade presente na sociedade em que vivemos, onde todos os dias

¹ Palavra na língua Yorubá que significa 'Com licença'

o racismo opera como limiar, inexorável, de aniquilação dessas vidas humanas.

Sabe-se que 40% dos 10,7 milhões² de africanas e africanos retirados dos seus territórios, no âmbito da comercialização escravista, foram trazidos aos portos brasileiros, dos quais, 60% desembarcaram na cidade do Rio de Janeiro. Pessoas que apesar dos traumas sofridos, foram também responsáveis e produtoras de diversos aspectos da sociedade brasileira. Trouxeram consigo uma gama infinita de possibilidades, vivências e conhecimentos que se refletiram e ainda repercutem em nosso cotidiano. Devido a estas influências sociais, culturais e até mesmo econômicas, a região conhecida por ‘Zona Portuária’ se constituiu como local permeado de memórias e narrativas negro-africanas e negro afro-brasileiras, que se entrecruzaram e sobreviveram através do tempo. Tão presentes são estas narrativas no território que possibilitaram a existência de uma ‘Pequena África’. Uma África em miniatura, nomeada assim por Heitor dos Prazeres, por lembrá-lo a uma parte viva do continente em terras cariocas. Local em que os sujeitos escravizados e seus descendentes deixaram e ainda deixam suas marcas, onde permanecem diversas disputas, em que narrativas subalternizadas são constantemente apagadas do espaço urbano em tentativas sistemáticas de esquecimento.

Na elaboração do projeto de educação patrimonial “Valongo, Cais de Ideias”, consideramos o fato de que vivemos em

uma sociedade profundamente marcada por relações de poder e que estas culminam em hierarquizações estruturais e em desigualdades nas mais diversas esferas. O campo do patrimônio não passa incólume, tendo sido ao longo da história um mecanismo de instrumentalização das narrativas de poder através de símbolos hegemônicos. Estátuas, monumentos e museus serviram como símbolos do poderio das violências coloniais. Neste sentido, destaca-se a importância de um projeto de educação patrimonial que esteja pautado em formas outras de produção e compartilhamento de conhecimentos, que seja crítico e reflexivo, considerando as memórias e micro-histórias dos sujeitos silenciados. Esta abordagem permite explorar o potencial emancipador, propulsor de vida e reconhecimento do patrimônio, onde a cultura possa permanecer e reverberar em prol de mudanças efetivas e pela transformação das realidades sociais³.

Pensar o patrimônio cultural enquanto elemento capaz de emancipar discursos, apresentar novas perspectivas e transformar as sociedades nas quais ele se encontra deve ser uma das premissas principais de um projeto de educação patrimonial dedicado ao que o Cais do Valongo representa. Trabalhar com as memórias sensíveis demanda o desenvolvimento de estratégias de educação e mediação patrimonial que promovam reflexões acerca das estruturas de dominação, entendendo o próprio Sítio como uma representação simbólica do racismo

estrutural. Assim, o projeto se constrói em diálogo com o antirracismo enquanto prática, ou seja, não só comprometido com o debate sobre o racismo, mas também propositivo em relação ao combate às estruturas sociais racistas.

[...] consideramos o racismo um sistema social, um modo de organização da vida, da política, do espaço territorial e da cultura. Uma forma de vida. Estriba-se nas práticas exclusionárias, geradoras de chances e oportunidades para os que dele se beneficiam. Consequentemente, a formação de uma crítica social sólida, hoje, no Brasil, deve trazer uma ação antirracista que reconheça a manifestação do racismo em todas as suas variáveis e versões, pois encontra-se, intensamente, enraizado e banalizado em sua prática no transcorrer dos séculos. Consolidou-se como forma de vida.⁴

Para que possamos dar conta de anseios tão urgentes e profundos utilizamos como referência a Pedagogia das Encruzilhadas, de Luiz Rufino⁵. Uma pedagógica baseada nos preceitos da ancestralidade negra africana, nos quais a ideia de encruzilhada surge como a possibilidade de novos caminhos. Nesta perspectiva, o colonialismo é um regime a ser repellido, onde a ‘*desobediência epistêmica*’⁶ é essencial para o ato de resistir à noção de um conhecimento que se propõe universalista, mas que na verdade é aprisionador. A continuidade desses regimes de opressão é o alicerce que perpetua as injustiças cognitivas sofridas por grupos subalternizados, que age como elemento

² Dados retirados do **Dossiê da Candidatura Cais do Valongo - UNESCO** (2016)

³ BRAGA, Emanuel Oliveira. TOLENTINO, Átila. **Educação patrimonial: políticas, relações de poder e ações afirmativas**. João Pessoa: IPHAN-PB; Casa do Patrimônio da Paraíba, 2016. – (Caderno Temático; 5)

⁴ TAVARES, Julio Cesar. **Desconstruindo a invisibilidade: raça e políticas da cultura visual no Brasil e na América do Sul**. In: Modos de fazer : caderno de atividades, saberes e fazeres / [organização Ana Paula Brandão]. – Rio de Janeiro : Fundação Roberto Marinho, 2010. il. (A cor da cultura ; v.4), p. 54.

⁵ RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro: Mórula Editorial, 2019.

⁶ MIGNOLO, Walter. **Desafios decoloniais hoje. Epistemologias do Sul**, Foz do Iguaçu/PR, 1 (1), 2017

produtor do ‘não-ser’ e da coisificação, culminando no desmantelamento de saberes ancestrais e impedindo a existência plena desses sujeitos no mundo.⁷

Tendo em vista a complexidade de todas as questões que foram levantadas e o compromisso de apresentar uma abordagem que valorize a profundidade dos temas que surgem a partir do Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo, o conteúdo desta publicação segue a estrutura adotada na formação ‘Valongo, Cais de Ideias’. Como dito no início o Valongo é o ponto de partida desta jornada, porém nossa rota vai passando por diversos temas que aqui foram agrupados em quatro seções que configuram núcleos de saberes, repositórios de ideias e fontes de inspiração. Sendo elas:

→ **Matar o pássaro de ontem com a pedra do hoje**

História, Memória e Descolonização.

Voltada ao debate das questões sociais e culturais sobre o Cais do Valongo a partir de uma perspectiva histórica e arqueológica.

→ **Palavras mágicas**

A dobra da linguagem

Dedicada a refletir sobre o uso da linguagem como meio de emancipação através de um olhar crítico e propositivo.

→ **Encantamentos e (in)corporeações**

Modos de pensar o corpo e os afetos

Focada em apresentar outros modos de interação com os saberes que incorporem o corpo e a subjetividade como elementos primordiais.

→ **De rolé por aí...**

Vivenciando o território

Destinada a apresentar as ações que já ocorrem na Região da Pequena África em diálogo direto com o Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo.

Cada uma destas seções apresenta textos escritos por especialistas e educadores convidados para a formação, tratando de assuntos variados, em uma perspectiva multidisciplinar, compondo um grupo de saberes e práticas destinados à multiplicação e reverberação dos temas que concernem, tanto ao Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo, quanto às questões as quais ele está imbricado.

Confiando na potência que existe na continuidade e no inacabável, o projeto é pensado de modo espiral. Como um conhecimento passado de mão em mão, que adquire novos sentidos em cada parada, crescendo na medida em que é compartilhado. Este é o sentido atribuído aos educadores participantes da formação e também aos que se dedicarem a utilizar este ‘Caderno de Ideias’, a perspectiva de operarem como Multiplicadores.

Como dito anteriormente, o princípio da partilha e da circulação são elementos

primordiais para a ampliação do alcance dos saberes e para o fortalecimento dos laços de ancestralidade que permitem a invenção de novas formas de existência.

Com isso, ao invés de uma conclusão, será lançado um pensamento de abertura, mantendo a noção de circularidade e movimento que atravessa todo este projeto e segue para além dele. Assim, fica exposto aqui não só um processo de educação antirracista, mas também a vontade de potencializar ações que já ocorram nos mais diversos contextos, e que a partir do contato com o patrimônio histórico, especialmente o Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo, encontrem caminhos de emancipação pujante de combate contra as desigualdades através do patrimônio.

⁷ FANON, Frantz. Os condenados da terra. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968

Adinkras

Ao longo das próximas páginas você verá diversos adinkras que são representações simbólicas de provérbios provenientes dos povos acã, da África Ocidental (principalmente os asante de Gana). Este sistema de escrita é uma das formas milenares de transmissão de conhecimento dos povos no continente africano.

Para saber mais: <https://ipeafro.org.br/acoes/pesquisa/adinkra/>



MATAR O PÁSSARO DO ONTEM COM A PEDRA DO HOJE

Sankofa

Retorne e pegue-o

Aprender com o passado



PALAVRAS MÁGICAS

Mate Masie

O que eu ouço,
eu guardo

Conhecimento,
sabedoria, prudência



ENCANTAMENTOS E INCORPORAÇÕES

Odo nnyew fie kwan

O amor sempre acha
o caminho de casa

Poder do Amor



DE ROLÊ POR AÍ...

Asase ye duru

A terra tem peso

Divindade da mãe Terra



DÚVIDA

Ananse Ntontam

Teia de aranha

Sabedoria, criatividade



DEVIR

Nea onnim
no sua a ohu

Aquele que não
sabe, pode aprender

Conhecimento,
educação vitalícia



MATAR O PÁSSARO DO ONTEM COM A PEDRA DO HOJE **História, memória e Descolonização**

Nesta seção trabalhamos as questões centrais para a criação de um panorama histórico, cultural e arqueológico do Sítio, ressaltando sua importância no interior do sistema escravista e compreendendo a sua relevância no contexto social e cultural da cidade do Rio de Janeiro.

A Arqueologia como pedra de *toque* para o “não esquecimento” do Cais do Valongo



ROSANA NAJJAR

Arqueóloga, com Doutorado e Mestrado em Arqueologia pela Universidade de São Paulo (USP). É aposentada do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/IPHAN, onde atuou na AAFoi Diretora do Centro Nacional de Arqueologia-CNA/IPHAN, em Brasília. Coordenou diversos projetos de Arqueologia Histórica e Urbana, nos Rio de Janeiro, Espírito Santo e Bahia. É autora do Manual de Arqueologia Histórica (IPHAN, 2005) e organizadora do livro Arqueologia no Pelourinho (IPHAN, 2010), dentre diversas publicações nacionais e internacionais. Foi professora titular da graduação de arqueologia na Universidade Estácio de Sá, foi professora convidada do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura/PROARQ/UFRJ e do Mestrado Profissionalizante PEP/IPHAN e de diversos cursos de pós-graduação lato sensu pelo país. Fez parte do Grupo de Trabalho que elaborou do Dossiê de Candidatura do Sítio Arqueológico Cais do Valongo (IPHAN, 2017), documento que subsidiou a decisão da UNESCO em declarar o sítio como Patrimônio Mundial em julho de 2017.

A Arqueologia como pedra de *toque* para o “não esquecimento” do Cais do Valongo

ROSANA NAJJAR

A Arqueologia é a ciência que estuda a trajetória da Humanidade através da sua cultura material confeccionada ou apropriada pelo homem, e a diversidade existente entre culturas se reflete diretamente na cultura material de cada uma delas. Sendo assim, os objetos arqueológicos têm diferentes formas e funções - de uso prático e simbólico. As diferenças são características da trajetória cultural da humanidade, e sua atenta e minuciosa observação permite ao arqueólogo, a partir de sólidas bases teórico-metodológicas, produzir conhecimento sobre o passado e apresentá-lo às sociedades atuais.

A produção de conhecimento através da Arqueologia se dá a partir da observação dos:

→ sítios arqueológicos, ou seja, os locais onde existem vestígios materiais testemunhos de uma ocupação humana, e

→ materiais móveis ou imóveis existentes no seu interior/contexto: artefatos, pinturas e gravuras rupestres, e as estruturas e/ou as edificações. Podemos afirmar também, que a natureza do material arqueológico é predominantemente móvel e fragmentar, e/ou imóvel

→ aqui incluídos os artefatos arquitetônicos, lembrando que a origem do material, na sua grande maioria, deriva do ato de descarte ou abandono.

Engana-se quem pensa que a Arqueologia se limita a desvelar a materialidade das coisas ou que magicamente transporta o passado para

o presente. Não, o passado passou e não volta mais, e a Arqueologia interpreta, a partir de um olhar atual, o contexto dos vestígios de um passado fragmentado e, conseqüentemente, sempre incompleto. Podemos afirmar, portanto, que a Arqueologia estuda e constrói uma versão atual da trajetória da humanidade a partir da observação do contexto dos artefatos estudados, desvelando seus aspectos materiais como também os imateriais.

A Arqueologia realizada no território que conhecemos como Brasil foi dividida, durante muitas décadas, em dois grandes períodos, o Pré-Histórico e o Histórico. Mais recentemente, esta divisão passou a se basear no fato de sermos um país colonizado, trazendo todo o peso que esta característica nos impõe. Sendo assim, atualmente a divisão mais aceita entre os arqueólogos é que existem dois períodos, o Pré-Colonial e o Histórico. Obviamente, que para os dois períodos existem limites, definições e práticas distintas. A Arqueologia do período Histórico pode ser dividida em Arqueologia da Restauração, Arqueologia Urbana, Arqueologia da Arquitetura. Com menor frequência, é dividida em Arqueologia Colonial, do Império ou da República.

Apesar da Arqueologia ter um vasto campo de atuação, ela pode ser resumida em dois binômios: ‘pesquisa e preservação’ e ‘conservação e gestão’. O primeiro trata da pesquisa propriamente dita, com seus três momentos (pré-campo, campo e pós-campo), a partir dos quais é produzido um

SEÇÃO 01

A Arqueologia como pedra de toque para o “não esquecimento” do Cais do Valongo

ROSANA NAJJAR

enorme acervo documental (projeto, relatórios e publicações), e o acervo arqueológico coletado durante a etapa de pesquisa de campo (escavações). Todo este material deverá ser preservado e, quando for o caso, o próprio sítio pesquisado é preservado. É neste momento que entra em ação o binômio ‘conservação e gestão’, que se caracteriza pelo conjunto de ações que permitem a manutenção da integridade e uso adequado dos bens para todos e para sempre.

Pretendemos, a partir da apresentação e discussões sobre os binômios pesquisa e preservação e conservação e gestão, mostrar como se deu, através da pesquisa arqueológica e da legislação de preservação do Patrimônio Arqueológico vigente, o processo de “re-descoberta” e “re-significação” do Sítio Histórico e Arqueológico do Cais do Valongo.

Mostrar o desafio de olhar o urbano através da Arqueologia – a Arqueologia do urbano e no urbano; o desafio de exercer a interdisciplinaridade entre Arqueologia, Arquitetura e Urbanismo; e desafio de preservar o Patrimônio Cultural edificado e arqueológico, sua inserção na paisagem, ressignificando o urbano e, sobretudo, os que o habitam. O Cais do Valongo do século XXI representa o conjunto de vestígios arqueológicos móveis (artefatos dos que ali conviviam) e imóveis (o cais propriamente dito), em um contexto pouco perturbado pelas sucessivas transformações da região no decorrer do tempo, nunca esquecendo que as transformações ali ocorridas tiveram o

objetivo de apagar da memória a materialidade e, com ela, toda a terrível história do tráfico e comércio de africanos escravizados. A pesquisa realizada pela arqueóloga Profa. Dra. Tania Andrade Lima (Museu Nacional/UFRJ) trouxe para a atualidade testemunhos contundentes do cais e uma coleção de 466.035 peças, acervo considerado como excepcional, particularmente pela quantidade, variedade e concentração de materiais associados à diáspora africana. Estes artefatos arqueológicos merecem, por si só, atenção especial, por nos permitirem acesso à muitas informações sobre os costumes, à vida cotidiana, ao simbolismo religioso e à resistência dos africanos escravizados ao sistema que lhes era imposto. A importância do Sítio Histórico e Arqueológico Cais do Valongo para a cidade do Rio de Janeiro e para o planeta é inquestionável, tanto é que o sítio foi cadastrado como Patrimônio Arqueológico Brasileiro pelo Instituto do Patrimônio Histórico

e Artístico Nacional – IPHAN em 2011 e elevado a Patrimônio Mundial pela Unesco em 2017.

O bens arqueológico patrimonializados no Brasil são regidos através de diversas leis e documentos normativos, sendo os principais:

→ Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937

→ O Decreto Lei nº 25, de 30 de novembro de 1937, organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional, estabelecendo os bens que o constituem, dentre eles, os arqueológicos;

→ Constituição Federal de 1988, em seu artigo define o patrimônio cultural como formas de expressão, modos de criar, fazer e viver. Também são assim reconhecidas as criações científicas, artísticas e tecnológicas; as obras, objetos, documentos, edificações e demais espaços destinados às manifestações artístico-culturais; e, ainda, os conjuntos urbanos e sítios de valor histórico, paisagístico, artístico, arqueológico, paleontológico, ecológico e científico;

A DÚVIDA

A Arqueologia foi a pedra de toque para o desvelamento, em vários sentidos, do Cais do Valongo. Teria sido assim sem a legislação?

O DEVIR

O tema Arqueologia traz, sozinho, um peso muito grande para públicos como o que pretendemos alcançar. A Arqueologia exerce um enorme fascínio sobre as pessoas, ela é romântica, instigadora, divertida, mas infelizmente, como não é ensinada nas escolas, as pessoas não sabem o que é Arqueologia, apesar de terem certeza que sabem! Objetivando sanar o problema, sempre começo dizendo que todos nós, desde crianças, fomos induzidos a achar, por exemplo, que arqueólogos escavam dinossauros, dentre outros equívocos, e que não devemos ficar envergonhados, pois sempre é tempo de aprender. Somente após sanado o problema acima levantado poderemos partir para o conteúdo mais específico. Um retorno a Dúvida será bem-vindo. Como também seria indicado uma visita ao sítio objetivando responder, por exemplo, os caminhos que deverão ser trilhados daqui para frente buscando a valorização e propagação das memórias contidas no sítio.

O Cais do Valongo e sua região: História de dor e de afirmação



MONICA LIMA

Professora de História da África e Coordenadora do Laboratório de Estudos Africanos no Instituto de História da UFRJ. Tem longa experiência docente, atuando na Educação Básica e na formação de professores e pesquisadores, com ensino de história da África, da diáspora africana e dos africanos no Brasil, em cursos de graduação e pós-graduação. Realizou pesquisas em arquivos e centros de documentação na África, na Europa e no Brasil. Foi consultora em diversos projetos educativos, como o projeto A Cor da Cultura - em duas de suas edições. Coordenou a pesquisa e participou como historiadora do grupo de trabalho que preparou o dossiê de candidatura do Cais do Valongo a Patrimônio Mundial. Foi consultora do projeto de Museu de Território para a região da Pequena África junto ao Instituto de História e Cultura Afro-brasileira - IH CAB.

O Cais do Valongo e sua região: histórias de dor e de afirmação

MONICA LIMA

Trataremos sobre a história do Cais do Valongo e a região de seu entorno, considerando seu caráter de sítio histórico de memória sensível e a presença, ao longo do tempo, de uma população africana e negra que ocupa este espaço e nele cria formas de sobrevivência e de afirmação de sua força vital. Ao mesmo tempo é importante analisar como a constituição desse território se relaciona à história do tráfico atlântico de escravizados e à escravização de africanos e seus descendentes, em sua estreita conexão com regiões do continente de origem dos cativos. A narrativa histórica, neste contexto, deve ser acompanhada de exemplos relativos à trajetória de personagens que imprimiram suas marcas na região, bem como da discussão sobre conceitos-chave que buscam definir este espaço e sua importância para a história da cidade, do país e da humanidade.

Uma ação de educação patrimonial deve tratar sobre aspectos de longa duração que definem a importância do Cais do Valongo e da região do seu entorno para a história da escravização de africanos e seus descendentes nas Américas e, em especial, no Brasil, tendo como elemento central a cidade do Rio de Janeiro como um espaço afro-atlântico de conexões externas e internas. A análise da relevância desse bem, reconhecido em 2017 como Patrimônio Mundial pela UNESCO, e a discussão acerca do seu significado como sítio histórico de memória

sensível e lugar de memória do tráfico atlântico de africanos escravizados são cruciais.

Neste sentido, podemos elaborar ideias-chave, tais como passados sensíveis, violência, dor e sofrimento em perspectiva histórica, indicando possibilidades de comparação com outros espaços no mundo, considerando tragédias humanas e conceitos utilizados nos estudos sobre esses processos. O desenvolvimento desses aspectos sobre a história da região do Cais do Valongo, destaca ainda exemplos e trajetórias de personagens que também a caracterizam como espaço de resistência e de afirmação das populações negras. Para tanto, é imprescindível utilizar mapas históricos e de síntese da demografia do tráfico atlântico de escravizados, documentos de época (trechos de documentos oficiais, anúncios de jornal), imagens produzidas por viajantes estrangeiros que estiveram no Brasil no século XIX e fotografias de personagens negras que viveram e atuaram no local.

A história do Brasil, das Américas e do mundo ocidental está marcada pela presença da escravidão de africanos e seus descendentes. No caso brasileiro, trata-se do território em que desembarcou o maior número de africanos escravizados da história da humanidade. Essas pessoas que aqui chegaram na situação de cativas trouxeram, além da sua força de trabalho, seus conhecimentos, suas tecnologias, seus modos de ver o mundo – e todos esses aspectos são diretamente relacionados as suas

SEÇÃO 01

O Cais do Valongo e sua região: histórias de dor e de afirmação

MONICA LIMA

vidas em África. A trajetória e atuação desses escravizados e a própria existência do sistema escravista são fundamentais para a formação da identidade brasileira e para a constituição da organização política e social no país. Portanto, compreender esta história é ter as chaves interpretativas para a sociedade brasileira de hoje, tanto marcada pela força e intensidade das heranças negro-africanas como pela presença do racismo.

Aprendermos a lidar com temas sensíveis na nossa história, estudando e analisando seus determinantes, abre possibilidades para atuarmos, com conhecimento e consistência, sobre a dura realidade que atinge especialmente as populações negras nos dias de hoje. Esta questão não trata de um tema relativo a um passado remoto, perdido no tempo que já não existe mais. São nossas dores e nossas conquistas de hoje que estão em pauta. Conhecer e dar a conhecer essa história é uma forma de reparação.

Porém, sabemos que conhecer não basta, que esse conhecimento precisa ser capaz de nos transformar por dentro. E para que isso ocorra, nada como mergulhar nos aspectos de passado presente que esses lugares de memória têm em si. Para tanto, o contato com fontes históricas em que se possa acessar as vozes dos escravizados, com a literatura produzida sobre essa área e com as narrativas comunitárias



– a memória viva – pode criar condições para viabilizar experiências aprofundadas de entendimento. E, a partir daí, olhar e visitar o Cais do Valongo e seu entorno com olhos, ouvidos e a sensibilidade aberta para que tudo isso possa fazer sentido.

Jean-Batiste Debret trouxe, com essa imagem produzida na década de 1820, uma cena do interior de uma casa de comércio de africanos escravizados situada no Valongo. O que o artista francês escreveu em seus relatos sobre este mercado se observa nesta imagem: os africanos e africanas magros, sendo comercializados com apenas poucos panos a cobrir seus corpos, e a ameaça do chicote nas mãos do comerciante, reafirmando a violência da escravidão.



Augusto Earle, pintor inglês que esteve no Brasil entre 1820 e 1824, ao desenhar uma cena de rua no mercado de africanos escravizados no Valongo, apresentou em destaque a presença de crianças sendo comercializadas. Nas expressões desses pequenos cativos se pode observar o medo, enquanto a vida parece seguir na cidade como se nada demais acontecesse naquele local.

Conceitos importantes:

Atlântico Negro | conceito elaborado pelo intelectual Paul Gilroy ao se referir às diversas estruturas transnacionais desenvolvidas na ideia ocidental de modernidade e que deram origem a um sistema de comunicações globais marcado por fluxos e trocas culturais negras afrodiáspóricas.

Diáspora africana | nome dado a um fenômeno caracterizado pela imigração forçada de africanas e africanos na condição de escravizados, durante o tráfico transatlântico, e seu espalhamento em diferentes partes do mundo, em especial nas Américas.

Pequena África | A região conhecida por 'zona portuária' do Rio de Janeiro se constituiu historicamente como um local permeado de memórias e narrativas negro-africanas e negro afro-brasileiras, que se entrecruzaram e sobreviveram através do tempo. A partir do Cais do Valongo se formou uma área com forte presença de africanos e seus descendentes, que se estendia da zona portuária ao entorno das igrejas de São Domingos, do Rosário e São Benedito, de Santo Elesbão e Santa Ifigênia e da Lampadosa – nas quais floresceram importantes irmandades de negros, e incluía

SEÇÃO 01

O Cais do Valongo e sua região: histórias de dor e de afirmação

MONICA LIMA

o Campo de Santana e seus arredores, como a Praça XI e as encostas do Morro do Estácio. Uma África em miniatura, nomeada assim por Heitor dos Prazeres, por lembrá-lo a uma parte viva do continente em terras cariocas. Local em que os sujeitos escravizados e seus descendentes deixaram e ainda deixam suas marcas, onde permanecem diversas disputas, em que narrativas subalternizadas são constantemente apagadas do espaço urbano em tentativas sistemáticas de esquecimento. Tão presentes são estas narrativas no território que possibilitaram a existência de uma ‘Pequena África’.

Referências

ABREU, M., GURAN. M. e MATTOS, H. *Inventário dos lugares de memória do tráfico atlântico de escravos e da história dos africanos escravizados no Brasil*. Niterói: PPGH, 2013

ALMEIDA, Angelica Ferrarez de. *A tradição das tias pretas na zona portuária: por uma questão de memória, espaço e patrimônio*. Dissertação de mestrado, Programa de Pós-graduação em História da Cultura, PUC-Rio, 2013.

ARANTES, Érika Bastos. *O porto negro: cultura e trabalho no Rio de Janeiro dos primeiros anos do sec. XX*. Dissertação de Mestrado, Campinas: UNICAMP, 2005.

ARAUJO, Luis Gustavo Costa. A morte feita de pedra. *O mercado de escravizados no Valongo e a necroarquitetura*. PUC-Rio, Dissertação de Mestrado em História, 2019.

BREMOY, Furcy de. *Le voyageur poète. Ou souvenir d'un français dans le coins de deux mondes*. Tome Premier. Galle NNCO, 2017. [publicação original: 1833]

CARDOSO, Elizabeth e outros. *História dos bairros: Saúde, Gamboa e Santo Cristo*. Rio de Janeiro, João Fortes/Editora Índex, 1987.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: as últimas décadas da escravidão na Corte*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

DEBRET, Jean-Baptiste. *Viagem pitoresca e histórica ao Brasil*. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia Limitada; São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1989. [publicação original: 1834-1839]

FARIAS, Juliana, GOMES, Flávio, MOREIRA, Carlos Eduardo e SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *Cidades negras: africanos, crioulos e espaços urbanos no Brasil escravista do século XIX*. São Paulo: Alameda, 2006

HONORATO, Claudio de Paula. *Valongo: o mercado de almas da praça carioca*. Rio de Janeiro: Appris, 2019.

KARASH, Mary. *A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000. Tradução Pedro Maia Soares.

LARA, Silvia. *A biografia de Mahommah G. Baquaqua*. Revista Brasileira de História (ANPUH), volume 08, n.16, março/agosto de 1988, p.269-284. Acessível em https://www.anpuh.org/revistabrasileira/view?ID_REVISTA_BRASILEIRA=25

LIMA, Monica. *Caminhos da história africana e afro-brasileira: aulas de campo no Cais do Valongo no ensino de História na cidade do Rio de Janeiro*. In GABRIEL, Carmen, MONTEIRO, Ana e MARTINS, Marcus. Narrativas do Rio de Janeiro nas aulas de História. Rio de Janeiro: Mauad X, ,2016, p.147-165.

MOURA, Roberto. *Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FUNARTE, Instituto Nacional de Música/ Divisão de Música Popular, 1983

PEREIRA, Júlio Cesar Medeiros. *À flor da terra: o cemitério de pretos novos no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamond/IPHAN, 2007.

PEREIRA, Julio Cesar Medeiros da Silva. *Revisitando o Valongo: mercado de almas, lazareto e cemitérios de africanos no portal do Atlântico (a cidade do Rio de Janeiro no século XIX)*. Revista de História Comparada, Rio de Janeiro, 7,1: 218-243, 2013.

PIEIDADE, Vilma. *Dororidade*. Rio de Janeiro: Nós, 2017.

RUGENDAS, Johann-Moritz. *Viagem pitoresca através do Brasil*. São Paulo: Livraria Martins Editora, 1940. [publicação original: 1835]

SILVA, Alberto da Costa e. *Um rio chamado Atlântico: a África no Brasil e o Brasil na África*. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2003

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. *A Pequena África: um portal do Atlântico*. Rio de Janeiro: CEAP, 2011.

SOARES, Mariza de Carvalho (org). *Rotas atlânticas da diáspora africana: da Baía do Benin ao Rio de Janeiro*. Niterói: EdUFF, 2007.

VALADÃO, Regina. *Tradição e criação, memória e patrimônio: a revitalização da Zona Portuária do Rio de Janeiro*. Dissertação, Mestrado em Memória Social, UNIRIO, Rio de Janeiro, 2012.

VELLOSO, Monica Pimenta. *As tias baianas tomam conta do pedaço: espaço e identidade cultural no Rio de Janeiro*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.3, nº6, 1990, p.207-228.

VIEGAS, Cristiane. *Cais do Valongo: expressão de resistência social negra na região Portuária carioca*. Rio de Janeiro: Autografia, 2018.

A DÚVIDA

→ Qual a importância da história da escravização de africanos e seus descendentes para a história da humanidade? Qual o significado do Cais do Valongo e da região de seu entorno para esta história, considerando: sua dimensão local (Rio de Janeiro), o território brasileiro, as Américas Negras, a sua relação com a África e o mundo ocidental?

→ Quem eram e de onde foram trazidas, no continente africano, as pessoas que desembarcaram como cativos na enseada do Cais do Valongo?

→ Como abordar temas sensíveis que fazem parte da história da escravidão, sem vitimizar nem ignorar o sofrimento e a violência?

→ Como é possível relacionar o conhecimento sobre esta história com as demandas por reparação?

O DEVIR

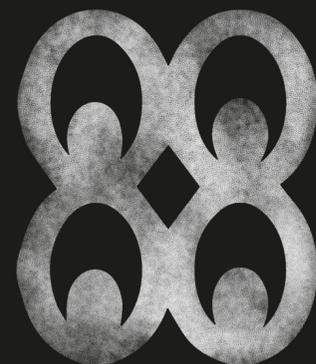
Elaborar um panorama da história da região do Cais do Valongo é considerar os mais variados contextos, considerar a dimensão local e regional, do território brasileiro, assim como refleti-lo como componente das Américas Negras. Pensar o Cais do Valongo é também considerar as origens africanas dos cativos ali desembarcados, do Atlântico Sul e das relações internacionais mobilizadas pelo comércio marítimo. Só assim, acompanhado de uma reflexão permanente sobre as formas de compartilhar esse conhecimento, podemos elaborar propostas educativas contundentes e comprometidas com a transformação das narrativas históricas hegemônicas.



PALAVRAS MÁGICAS **A dobra da linguagem**

O emprego efetivo do antirracismo nos espaços de vida e aprendizado passa pela reformulação das linguagens. A estratégia colonial de dominação tenta limitar a capacidade da oralidade e construir uma lógica única de compreensão e entendimento de mundo. A ancestralidade negro-africana é marcada pelo uso da palavra como ferramenta, sempre inventando modos de escrever e se inscrever nos espaços. Sendo assim, utilizamos essa seção para debater as questões pertinentes ao uso e a criação de linguagens mais próximas das experiências e práticas não hegemônicas.

Conversas Ancestrais



LUDMILLA LIS

Mestranda em Relações Étnico-Raciais no CEFET RJ, graduada e licenciada em Letras/Literaturas. Possui formação técnica em Teatro (interpretação, produção e direção), com diversas encenações teatrais e leituras dramatizadas. Na área educacional, atuou como coordenadora na Escola Municipal Edmundo Bittencourt nos Programas Mais Educação e Escola Aberta, ambos do Governo Federal; e também como coordenadora sociocultural na Vila Olímpica do Encantado, aparelho esportivo da Prefeitura do Rio de Janeiro, gerida pela Secretaria Municipal de Esportes e Lazer. Na área cultural, atua na assessoria de imprensa da escritora Conceição Evaristo.

Conversas Ancestrais

LUDMILLA LIS

Gostaria de iniciar esse texto propondo uma reflexão sobre nossos caminhos. Sobre o porquê de buscarmos tantas e quantas alternativas para reconstruir (ou construir) novos lugares para viver e elevarmos as humanidades marginalizadas há séculos, ao topo de um “novo mundo”.

A ideia de acrescentar meus estudos ao acervo do Cais do Valongo através de minha participação no projeto “Valongo, Cais de ideias” me desafia e me conclama a fazer visíveis as epistemologias ancestrais que têm gerado rotas de fuga e sobrevivência num mundo em que o céu já ruiu, como adverte o pensador indígena Ailton Krenak.

Devemos pensar no valor simbólico que possui o encontro de cada um de nós, intelectuais do devir, promovido por um local que já foi um velho porto para desembarque e venda de seres escravizados. Nossas humanidades se unem na tarefa de produzir debates e discussões acerca das filosofias afrocentradas pensadas para dismantlar o racismo e as variadas discriminações. O Cais do Valongo, que integra o Circuito Histórico e Arqueológico da Celebração da Herança Africana empreende sua ação reparadora, traçando estratégias de pós-vida.

Venho discutindo ao longo de minha vida formas possíveis de rompermos com as concepções individualistas e destruidoras do mundo em que vivemos, e que se tornaram estruturantes da sociedade brasileira. Descobrir de que forma o conhecimento de nossa história, que

foi deturpada pelos colonizadores, poderia contribuir na construção de uma sociedade plural e diversa, é o objetivo principal de minha caminhada.

Como professora de Língua Portuguesa, procuro compreender de que forma a língua ratifica a reprodução de desigualdades, de que forma o poder que oprime esses milhares de corpos e os categoriza pela cor da pele encontra no discurso e na escrita, poderosas ferramentas de apoio e manutenção das opressões que nos atingem. Como estudiosa da Literatura, busco, através das páginas, das construções orais, dos ideais veiculados, refletir um novo planeta em que caibamos todos nós e nossas diversidades.

Considero urgente pensarmos o diálogo, a forma e a força das palavras utilizadas e disponíveis nos nossos idiomas brasileiros, buscarmos uma nova forma de nos relacionar por meio da linguagem. Talvez seja isso o que nos propõe o título “Palavras Mágicas | A Dobra da Linguagem”.

Como pesquisadora, tenho observado nossa formação enquanto brasileiros, quase sempre calcada numa ideia de exploração e discriminação de pessoas negras e pobres, a fim de perpetuar o poder das classes abastadas. Essa exploração contínua de pessoas também está ligada à persistência de estereótipos associados aos povos negros e indígenas, que reforçam a ideia de inferioridade e subordinação. Neste contexto, é preciso

problematizar a formação de um sujeito nacional à luz da literatura brasileira tendo como exemplo as obras “Macunaíma”, “Iracema” e “O Cortiço” – com seus personagens traçando um percurso dos estereótipos dos negros e negras no Brasil.

Conversas Ancestrais propõe discutir a importância da escrita e da oralidade como registros de uma memória interrompida, pois a presença do povo africano sequestrado, em terras brasileiras, marcou profundamente a língua de nosso povo, enquanto forjou suas próprias condições de sobrevivência. Pensaremos a construção desta língua portuguesa a partir das presenças das mulheres negras escravizadas nas casas dos senhores de engenho. As Figuras da MÃE PRETA e do PAI JOÃO como raízes da cultura africana no Brasil. O português como língua usual, influência da africanidade, marca de uma fundação linguística legítima e permanente.

A imagem do sujeito negro será o ponto de partida desses encontros. Os estereótipos criados e vinculados a esse termo inventado serão trazidos à discussão, enquanto tentaremos preencher as lacunas em busca de uma nova imagem protagonizada e criada pelos próprios descendentes em diáspora, abordando o contexto histórico em que estão envolvidos na sociedade brasileira desde o pós-abolição até a contemporaneidade.

Evoco a presença-pensamento de diversas e diversos intelectuais de nosso tempo, a fim de reconstituir a palavra que nos foi roubada e impedida através dos tempos. Pela Escrivência de Conceição Evaristo, proponho um olhar centrado em nós mesmas, uma conjuração sobre as novas maneiras de atravessar a “flecha do tempo”.

Portanto é imprescindível discutir a importância da escrita e da fala como registro de uma memória interrompida, pois a presença do povo africano sequestrado, em terras brasileiras, marcou profundamente a língua de nosso povo, enquanto forjou suas próprias condições de sobrevivência. A imagem do sujeito negro é entendida como o ponto de partida desses debates. Os estereótipos criados e vinculados à noção de raça precisam ser trazidos à discussão, enquanto tentamos preencher as lacunas em busca de uma nova imagem protagonizada e criada pelos próprios descendentes de africanas e africanos em diáspora, abordando o contexto histórico em que estão envolvidos na sociedade brasileira.

Existem muitas autoras e autores que trabalham na construção de uma nova realidade para as pessoas negras a partir do uso das palavras e das linguagens. Abaixo alguns exemplos trabalhados por Ludmilla Lis em suas reflexões:

José de Alencar – Escritor, jornalista, advogado, dramaturgo e político cearense que escreveu diversos romances de temática nacional.

→ O Guarani (1857)

→ Iracema (1865)

Aluísio Azevedo – Romancista, caricaturista, jornalista e diplomata brasileiro, participante da vertente naturalista da literatura nacional.

→ O Cortiço (1890)

Mário de Andrade – Romancista, ensaísta, poeta, crítico literário, musicólogo, folclorista e poeta brasileiro da vertente modernista da literatura nacional.

→ Macunaíma (1928)

Jorge Amado – Romancista, ensaísta e poeta brasileiro com suas obras traduzidas para mais de 80 países.

→ Gabriela, Cravo e Canela (1958)

Conceição Evaristo – Romancista, contista e poetisa afro-brasileira. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC/Rio, Doutora em Literatura Comparada pela UFF. Sete obras escritas. Pontua em suas obras questões que envolvem ancestralidade, relações raciais e desigualdades. Vencedora do Prêmio Jabuti em 2015 e Personalidade Literária em 2019:

→ Olhos d'água (2015) - Ed. Pallas

SEÇÃO 02

Conversas Ancestrais

LUDMILLA LIS

→ Vozes-Mulheres - Poemas da Recordação e outros movimentos (2017)

→ Certidão de Óbito - Poemas da Recordação e outros movimentos (2017)

→ Apesar das acontecências do banzo - Poemas da Recordação e outros movimentos (2017)

Maryse Condé - Escritora afro-caribenha originária da ilha de Guadalupe, república francesa no Caribe. Formada em Literatura Comparada pela Sorbonne, feminista, autora de mais de vinte livros. Vencedora do New Academy Prize, em 2018.

→ Eu, Tituba, bruxa negra de Salém (2019) – Ed. Rosa dos Tempos

Solano Trindade - Poeta negro brasileiro, teatrólogo, cineasta e pintor, foi um dos fundadores do Teatro Popular Brasileiro e Militante do Movimento Negro.

→ Tem gente com fome - Poemas antológicos de Solano Trindade (2008)

→ Senhora Gramática - Poemas antológicos de Solano Trindade (2008)

Referências

ALMEIDA, Silvío. História da discriminação racial na educação brasileira. Escola da Vila, 2018. Youtube (1h48m06s) Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=gwMRRVPL_Yw&t=4349s acesso:13/06/2019.

ALMEIDA, Silvío Luiz de. O que é racismo estrutural?. Belo Horizonte(MG): Letramento, 2018.

KILOMBA, Grada. "Memórias da plantação – Episódios de racismo cotidiano” Tradução de Jess Oliveira. – 1.ed. – Rio de Janeiro: Cobogó, 2019.

MBEMBE, Achille. Cuando el poder brutaliza el cuerpo la resistencia assume uma forma visceral.

<https://laboratoriodesensibilidades.wordpress.com/2019/07/18/poder-brutal-resistencia-visceral-achille-mbembe-quando-o-poder-brutaliza-o-corpo-a-resistencia-assume-uma-forma-visceral/>

EVARISTO, Conceição. Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira.

<http://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/52%20a%2057.pdf>

EVARISTO, Conceição. Becos da memória. Pallas Editora, 2017.

SANTOS, Ynaê Lopes dos. História da África e do Brasil afrodescendente. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2017.

GONZALES, Lélia. Primavera para as rosas negras: Lélia Gonzalez em primeira pessoa--. Diáspora Africana, 2018.

GONZALES, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. Revista Ciências Sociais Hoje, v. 2, n. 1, p. 223-244, 1984.

DE SOUSA, Noemia. Sangue negro. São Paulo: Editora Kapulana, 2016.p.48-49

MOORE, Carlos. A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Nandyala, 2008.

DOS SANTOS GOMES, Flávio. De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social. Claro Enigma, 2011.

Foto dos desníveis do Valongo: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-47142016000100299&lng=en&nrm=iso Acesso em 26/10/2020 às 12:40

Mate masie - <http://www.adinkra.org/htmls/adinkra/mate.htm> Acesso em 26/10/2020 às 12:46

Máscara de Flandres: <https://www.hypeness.com.br/2018/02/no-baile-da-vogue-blogueira-usa-look-racista-com-replica-de-instrumento-de-tortura-contra-escravos/> Acesso em 26/10/2020 às 13:02

Imagens de Bertoleza – Clássicos da Literatura em quadrinhos: <http://rodrigorsablog.blogspot.com/2008/09/o-cortio-em-quadinhos.html> Acesso em 21/10/2020 às 12:47

Anastácia de Yuri Cruz - <https://yhuricruz.com/2019/06/04/monumento-a-voz-de-anastacia-2019/> Acesso em 26/10/2020 às 12:55

Capa Xênia 1 e 2 - <http://g1.globo.com/musica/blog/mauro-ferreira/post/xenia-eleva-mulher-e-orgulho-negro-em-album-solo-de-textura-moderna.html> Acesso em 20/10/2020 às 14:10

MOORE, Carlos. A África que incomoda: sobre a problematização do legado africano no cotidiano brasileiro. Nandyala, 2008.

DOS SANTOS GOMES, Flávio. De olho em Zumbi dos Palmares: histórias, símbolos e memória social. Claro Enigma, 2011.

SANTOS, Frei David. Os sete atos oficiais que decretaram a marginalização do povo negro, 2014. Disponível em: https://www.educafro.org.br/site/wp-content/uploads/2014/07/os_sete_atos.pdf. Acesso em 20/10/2020 às 14:50

TRINDADE, SOLANO. Poemas antológicos de Solano Trindade. (Org.) REIS, Z. C. São Paulo: Nova Alexandria, 2008.

A DÚVIDA

→ Como a presença dos africanos e seus descendentes no Brasil podem construir uma nova realidade?

O DEVIR

→ Por que pensar uma nova realidade?

→ De onde podemos retirar conhecimentos para novas ações?

O Cais do Valongo, seus crimes e redenções



ELIANA ALVES CRUZ

Eliana Alves Cruz, carioca, escritora e jornalista (colunista do site UOL), pós-graduada em comunicação empresarial e foi conselheira municipal de cultura do Rio de Janeiro na linha de literatura de 2017 a 2019.

Seu romance de estreia, *Água de barrela*, ganhou o Prêmio Oliveira Silveira de 2015, da Fundação Cultural Palmares/Ministério da Cultura e foi menção honrosa do Prêmio Thomas Skidmore 2018, do Arquivo Nacional e da universidade americana Brown University. *Água de Barrela*, em 2020, figura entre os cinco mais vendidos em literatura nacional no site de vendas Amazon.

Seu segundo romance - *O crime do cais do Valongo* - foi escolhido como um dos melhores do ano de 2018 pelos críticos do jornal O Globo e foi semifinal do Prêmio Oceanos 2019, mesmo ano em que publicou seu primeiro livro infantil, *"A copa frondosa da Árvore"*.

"Nada dito de ti, que em ti não veja", sua mais recente publicação, foi lançado em 2020.

O Cais do Valongo, seus crimes e redenções

ELIANA ALVES CRUZ

O conteúdo deste texto é baseado na pesquisa para a escrita do romance “O crime do cais do Valongo”, que teve como fontes as cartas do Marquês do Lavradio; os relatos de viajantes estrangeiros sobre o Rio de Janeiro oitocentista; anúncios publicados no jornal Gazeta do Rio de Janeiro, primeiro jornal impresso em solo brasileiro; imagens pintadas por artistas como Rugendas e Debret; teses e livros de historiadores, antropólogos, sociólogos e outros especialistas brasileiros e moçambicanos; visitas ao Instituto dos Pretos Novos e Pequena África e relatos de pessoas comuns que vivem ou visitam os locais de África descritos na obra.

→ Cartas do Marquês do Lavradio

A história do Cais do Valongo como entreposto de venda de escravizados começou na Rua Direita, atual Primeiro de Março. O Marquês de Lavradio, quando ocupante do cargo de vice-rei e Capitão General de Mar e Terra do Estado do Brasil, por volta de 1769, atende uma antiga reivindicação tanto de comerciantes quanto da elite local de transferir o comércio para outro lado da cidade. O Marquês nos conta como o negócio era feito no antigo mercado:

“Havia [...] nesta cidade, o terrível costume de tão logo os negros desembarcarem no porto vindos da costa africana, entrar na cidade através das principais vias públicas, não apenas carregados de inúmeras doenças, mas nus [...] e fazem tudo que a natureza sugeria no meio da rua. Minha decisão foi a de que quando os escravos fossem desembarcados na alfândega, deveriam ser enviados de botes

ao lugar chamado Valongo, que fica em um subúrbio da cidade, separado de todo contato, e que as muitas lojas e armazéns deveriam ser utilizadas para alojá-los.”

O Marquês do Lavradio criou então regras bem severas para os “pretos novos”.

“Os negros novos, que vem dos portos da Guiné e Costa da África, ordenando, que tanto os que se acharem nela, como os que vieram chegando de novo daqueles portos, de bordo das mesmas embarcações que os conduzirem, depois de dada a visita da Saúde, sem saltarem a terra, sejam imediatamente levados ao sítio do Valongo, onde se conservarão, desde a Pedra da Prainha até a Gamboa e lá se lhes dará saída e se curarão os doentes e enterrarão os mortos, sem poderem jamais saírem daquele lugar para esta cidade, por mais justificados motivos que hajam e nem ainda depois de mortos, para se enterrarem nos cemitérios da cidade...”

→ Relatos de viajantes

O viajante alemão Freyreiss, que esteve no Brasil na primeira metade do século 19, falando sobre o cemitério dos Pretos Novos, disse: “Próximo à Rua do Valongo está o cemitério dos que escapam para sempre da escravidão”. O naturalista ainda comentou sobre os sepultamentos de escravizados que aconteciam no “acesso ao saco da Gamboa através da Rua do Cemitério (atual Pedro Ernesto), que ligava essa praia à praia do Valongo”.

SEÇÃO 02

O Cais do Valongo, seus crimes e redenções

ELIANA ALVES CRUZ

Desta forma, estudar o território e seus movimentos foi essencial para refazer um cenário difícil de enxergar nos dias atuais e, talvez, na própria época relatada por Freyreiss, pois não sabemos se ele tinha consciência de que caminhava no maior entreposto de escravos da América Latina. No entanto, o complexo a serviço da escravidão que era a região do Valongo saltou aos olhos dele, pois na região estava uma espécie de “amostra concentrada” do que existia do outro lado do Atlântico: recortes da África seqüestrada e forçadamente enxertada no Brasil. A razão para o sucesso como empreendimento que foi o Valongo talvez só tenha ocorrido porque existiam diversas instituições com um grau bastante elevado de organização.

O Valongo das primeiras décadas dos anos 1800 se assentava em três pilares: um mercado de escravizados aparelhado e organizado numa estrutura de Estado. Em seguida, existia um lazareto, cuja disputa em torno da sua manutenção trouxe um acalorado debate político entre a Provedoria de Saúde e os mesmos traficantes. No fim desta linha encontrava-se o Cemitério dos Pretos Novos como o ponto final para os donos dos corpos daqueles que morriam dentro do perímetro do Valongo.

“(…) Em companhia do meu amigo dr. Schaeffer, que chegou aqui a bordo do navio russo Suvarow, em maio de 1814, em viagem ao redor do mundo, visitei este triste lugar. Na entrada daquele espaço, cercado por um muro de cerca

de 50 braças em quadra, estava assentado um velho com vestes de padre, lendo um livro de rezas pelas almas dos infelizes que tinham sido arrancados da sua pátria por homens desalmados, e a uns 20 passos dele alguns pretos estavam ocupados em cobrir de terra seus patrícios mortos e, sem se darem ao trabalho de fazer uma cova, jogam apenas um pouco de terra sobre o cadáver, passando em seguida a sepultar outro. No meio deste espaço havia um monte de terra da qual, aqui e acolá, subiam restos de cadáveres descobertos pelas chuvas que tinham carregado a terra e ainda havia muitos cadáveres no chão que não tinham sido enterrados. Nus, estavam apenas envoltos numa esteira, amarrada por cima da cabeça e por baixo dos pés. Provavelmente procede-se ao enterramento apenas uma vez por semana e como os cadáveres facilmente se decompõem, o mau cheiro é insuportável. Finalmente chegou-se a melhor compreensão, queimando de vez em quando um monte de cadáveres semidecompostos.”

Este trecho foi usado para compor uma cena muito especial em “O crime do cais do Valongo”, assim como o relato abaixo, da historiadora, pintora e escritora britânica Maria Graham, em 1823.

“Vi hoje o Val Longo [Valongo]. É o mercado de escravos do Rio. Quase todas as casas desta longuíssima rua são um depósito de escravos. Passando pelas suas portas à noite, vi na maior parte delas bancos colocados rente às

paredes, nos quais filas de jovens criaturas estavam sentadas, com as cabeças raspadas, os corpos macilentos, tendo na pele sinais de sarna recente. Em alguns lugares as pobres criaturas jazem sobre tapetes, evidentemente muito fracos para sentarem-se. Em uma casa as portas estavam fechadas até meia altura e um grupo de rapazes e moças, que não pareciam ter mais de quinze anos, e alguns muito menos, debruçavam-se sobre a meia porta e olhavam a rua com faces curiosas. Eram evidentemente negros bem novos. Ao aproximar-me deles, parece que alguma coisa a meu respeito lhes atraiu a atenção; tocavam-se uns nos outros para certificarem-se de que todos me estavam vendo e depois conversaram no dialeto africano próprio com muita vivacidade. Dirigi-me a eles e olhei-os de perto, e ainda que mais disposta a chorar. Fiz um esforço para lhes sorrir com alegria e beijei minha mão para eles; com tudo isso pareceram eles encantados; pularam e dançaram, como que retribuindo as minhas cortesias. Pobres criaturas! Mesmo que pudesse eu não diminuiria seus momentos de alegria, despertando neles a compreensão das coisas tristes da escravidão; mas, apelaria para os seus senhores, para os que compram e para os que vendem, e lhes imploraria que pensassem nos males que traz a escravidão, não somente para os negros, mas para eles próprios e, não somente para eles, mas para suas famílias e para suas descendências.”

SEÇÃO 02

O Cais do Valongo, seus crimes e redenções

ELIANA ALVES CRUZ

→ Gazeta do Rio de Janeiro

O Jornal Gazeta do Rio de Janeiro retrata muito sobre a vida cotidiana da cidade e, por consequência, do Valongo, pois registrou movimento de chegada e saída de navios, casas à venda, leilões e outros fatos aparentemente corriqueiros na seção de “avisos”, que fazia às vezes de classificados.

O jornal foi o primeiro totalmente impresso em solo brasileiro, logo, ele inaugura a imprensa nacional. Seu conteúdo não é crítico aos soberanos ou ao sistema, ao contrário, mas ao relatar as muitas fugas de escravizados, os movimentos nos armazéns, crimes e outros delitos, acaba por levantar uma ponta da cortina que encobre o passado da cidade e da região que abrigava todo o comércio escravista.

→ Imagens do Comércio do Valongo

O que nos revelam as imagens produzidas por Rugendas e outros artistas da época em que o Cais estava em atividade? As referências pictográficas como fonte de pesquisa para recriação de cenas e entendimento da eficiente máquina do comércio de almas.

Referências

PEREIRA, Júlio César M. da S. *À flor da Terra: morte e sepultamento de escravos recém-chegados no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Garamnd/Prefeitura do Rio de Janeiro, passim.

FRANÇA, Marcel Carvalho. *Viajantes estrangeiros no Rio de Janeiro Joanino*. Rio de Janeiro: José Olympio.

Carta do Marquês do Lavradio apud AMARAL, Brás. *Os grandes mercados de escravos africanos*. In: factos da vida do Brasil.

A DÚVIDA

→ Quais as conexões que podemos fazer entre o passado e o presente do Cais do Valongo? Quais as perspectivas futuras que podemos projetar a cidade e o país, tendo em conta o passado e o presente da região considerada a mais “afro-atlântica” das Américas?

O DEVIR

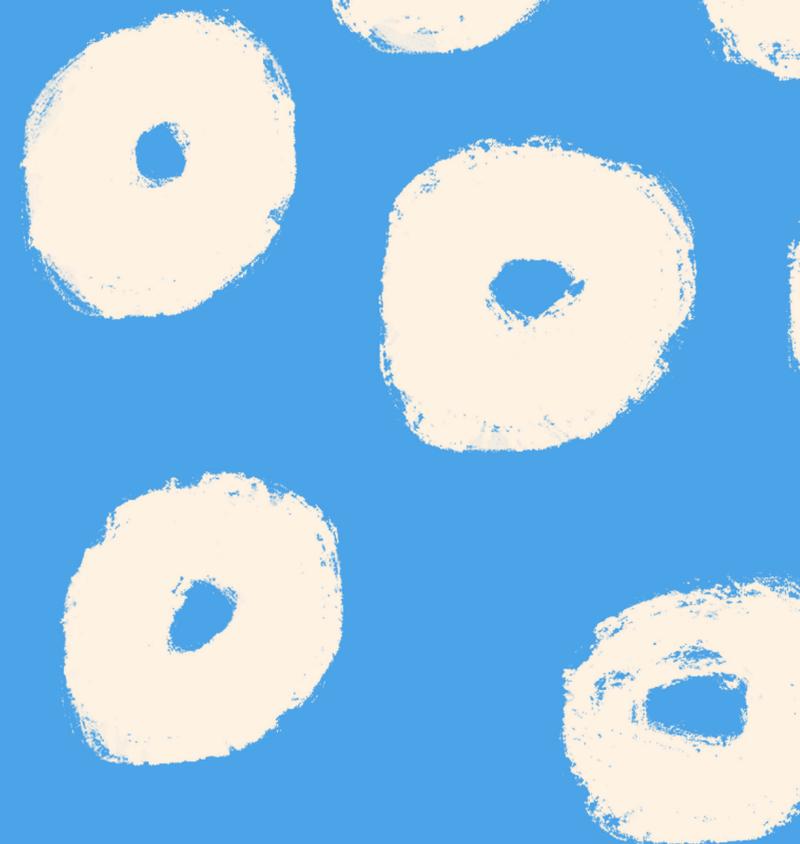
A pesquisa para a escrita do romance “O crime do cais do Valongo”, apresentando as possibilidades históricas e o território como encontro de culturas, narrativas e criação de perspectivas futuras.



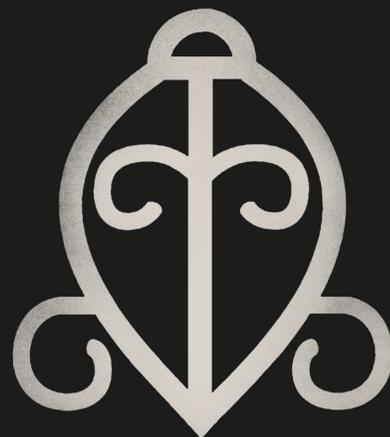
ENCANTAMENTOS E (IN)CORPORAÇÕES

Formas de pensar o corpo e os afetos

Conhecimentos incorporam os seres. Os corpos dão suporte físico para os saberes e criam uma nova experiência de ser e estar. Nesta seção exploramos os fluxos entre os corpos e as experiências de modo livre e em constante expansão, incluindo não só o que está no plano material, mas também dialogando diretamente com o que está ligado às práticas sensíveis. Este ambiente de diálogo e trânsitos é o terreno fértil para o plantio da semente do encanto.



Nós Cais

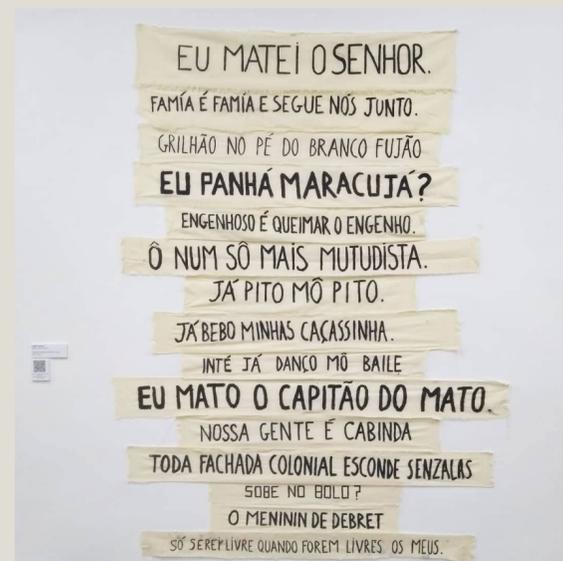


ANDRÉ VARGAS

Artista, Educador e Graduando em Filosofia pela UFRJ, trabalhou com educação em espaços culturais como: Museu de Arte do Rio, Biblioteca Parque Estadual e Instituto Moreira Salles e como artista educador oficinairo no CCBB-RJ e no Museu de Arte Moderna - RJ. Como artista visual participou de diversas exposições como: "Africanizze Performática", no Centro Municipal de Artes Hélio Oiticica (2018), "Tamo aí", na Galeria da Passagem - UERJ (2019) e "Rua!", no Museu de Arte do Rio (2020) e publicou dois livros infantís: "Caraminholas - Poesias do fundo da cachola", pela Multifoco (2012) e "Roupa de Camaleão", pela Zit (2017).

Nós Cais

ANDRÉ VARGAS



Série Trapos (2019-2020)
PVA sobre algodão cru.

O Cais do Valongo precisou ser escavado para que pudéssemos avistá-lo novamente. Foi preciso uma força de retomada agir para que se rompesse a barreira dura dos asfaltos e concretos da cidade. Foi preciso esmero e técnica arqueológica para vasculhar os extratos dos aterramentos até encontrar a primeira pedra das escadas pisadas por nossos antepassados. Aquele sítio, que já se sabia da existência e localização, embaixo de toda essa história de apagamentos, é como a potência da nossa negritude, pois, quando sabemos que ela existe, ela: ou nos é apresentada velada pela instrução hegemônica, ou nem sequer



se apresenta, receosos de que esse pôr-se em ato de nossas potências possa também se configurar como um pôr-se em risco das estruturas conservadoras em seus privilégios.

Nosso corpo e identidades podem ser Aentendidos como metáforas sinceras desse monumento-cais, que para se conhecer é preciso que empenhemos o empreendimento

de escavar um pouco mais abaixo das camadas de apagamentos que nos foram impostas historicamente. Entender o nosso corpo e identidade como esse cais, para onde nossa instrução – a educação e formação que



recebemos, bem como nossas vivências ainda muito estreitadas às lógicas coloniais – nos leva, talvez, a entender que para se conhecer melhor o Cais do Valongo é preciso trilhar um caminho de autoconhecimento. Conseqüentemente, para se conhecer a si mesmo nessas veredas, parece uma condição incontornável que se conheça mais a fundo o próprio Cais.

Partindo dessa premissa do corpo como um cais, como produzir pertencimento se o corpo passa a ser, portanto, um território estrangeiro e desconhecido marcado por um histórico de explorações, epistemicídio, genocídio e apagamentos de toda sorte? O nosso corpo-cais é monumento de que história? E como romper com os laços e pactos tão consolidados

dessa colonialidade, ou seja, como forjar as ferramentas de aferição dessa supervalorização de um passado colonial/imperialista como origem e essência de nossa cultura? Nós Cais pretende se abrir para a formulação de respostas descoloniais na relação ensino/aprendizagem e nas relações inerentes à toda produção cultural, relações estas que, até então,



acabam por cumprir o papel de mantenedoras das hegemonias, sustentando suas histórias e valores e os cristalizando em nosso imaginário.

Artistas, educadores e intelectuais negros deixaram seu lastro na história e, ainda hoje, discutem e rediscutem estes ditames, onde não nos reconhecemos como protagonistas da nossa própria história, produtores de nossa própria cultura e detentores de nossas próprias identidades. Este papel fundamental na formação das lutas antirracistas acaba por

agir na conformação de um nicho específico de produção e ação, onde se revisa inclusive as noções de “vencedores” e “vencidos” que parece indicar a hegemônica escrita histórica.

Elementos

Yhuri Cruz - <https://yhuricruz.com/>

Paulo Nazareth - <https://mendeswooddm.com/en/artist/paulo-nazareth>

Arjan Martins - <https://www.agentilcarioca.com.br/artists/33-arjan-martins/>

Rosana Paulino - <https://www.rosanapaulino.com.br/>

Jaime Lauriano - <https://pt.jaimelauriano.com/>

Tiago Sant’Ana - <https://tiagosantanaarte.com/>

Ayrson Heraclito - <https://paulodarzegaleria.com.br/artistas/ayrson-heraclito/>

Marcel Diogo - <https://www.instagram.com/marceldiogo.art/>

André Vargas - <https://www.instagram.com/p/B5BglpBJsYf/>

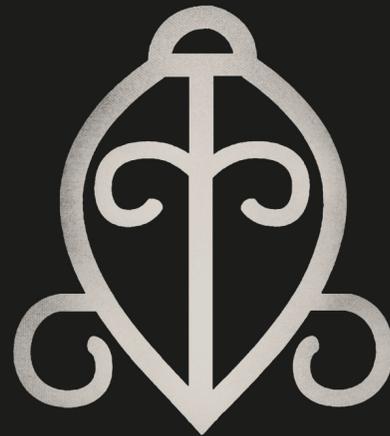
A DÚVIDA

→ Como escavar na nossa existência a história de nosso povo, conhecendo as camadas de aterramento e fabulando nas lacunas do apagamento?

O DEVIR

Com interesse em como, diante das revisões e desconstruções que os processos artístico-poéticos podem proporcionar demonstrando a complexidade e pluralidade vocal da história, antes vista apenas sobre o viés da hegemonia, podemos passar a trabalhar outras perspectivas dentro de sala de aula ou em qualquer espaço de educação. Levando em consideração que a mediação, em sua troca franca, é sempre capaz de produzir desconcertos que tornam ainda mais rico o contato educativo. Assim, podemos construir coletivamente noções de pertencimento e apropriação entre aqueles que antes tinham suas relevâncias e referências subtraídas dos livros da escola.

Deslocamento dos Afetos



DAVID ALFREDO

Educador em museus, graduou-se em história na Universidade Cândido Mendes - IUPERJ com monografia a respeito das narrativas elitistas que fundamentaram e consolidaram o imaginário que autorizou o desmonte do Morro do Castelo. Desde 2010, dedica-se à educação museal em diferentes museus da região metropolitana do Rio de Janeiro, tais como o Centro Cultural Banco do Brasil, MAM Rio, Museu de Arte Popular Janete Costa, Museu do Amanhã e outros. Entre 2013 e 2015 compôs o corpo de educadores do Galpão Bela Maré, trocando experiências com moradores de diferentes favelas do Complexo da Maré, principalmente estudantes das 19 escolas da rede municipal de ensino do interior e de seu entorno. No Museu do Amanhã, assinou a co-autoria, curadoria e realização do programa Evidências das Culturas Negras, focado no fortalecimento das subjetividades negras para uma melhor compreensão de nossa brasilidade.

Deslocamento dos Afetos

DAVID ALFREDO

Segundo Platão, a anamnese, o que poderíamos considerar como uma maneira de nos recordarmos do que já existe desde sempre no interior de nossa alma, é a raiz do conhecimento. Platão defendeu que a alma preexistia no mundo das ideias e, uma vez nesse ambiente, teve a oportunidade de conceber tudo o que se poder ser aprendido acerca dessas ideias. Em determinado momento, por alguma espécie de castigo, a alma foi aprisionada ao corpo, tendo que viver no mundo sublunar. Já por isso, a alma não se recorda do que fora contemplado anteriormente, no mundo das ideias, mas, ainda assim, traz consigo a essência dessas ideias. Sempre que entra em contato com sombras do mundo passado, ou seja, de onde se origina, essas sombras fazem com que a alma relembre do que já sabia no mundo das ideias. Portanto, o aprendizado se dá através do reconhecimento.

A reminiscência, que nada mais é do que o despertar do conhecimento intelectual das ideias, se afasta do conhecimento de memória, que, na verdade, só conserva as sensações, tal qual alguém que marca suas digitais num bloco de cera, só sendo possível estabelecer opiniões sobre o que seria a ideia.

A doutrina da reminiscência, além de fornecer provas da preexistência, da espiritualidade e da imortalidade da alma, estabelece uma ponte entre a vida anterior e a vida presente. Valoriza o conhecimento sensitivo pelo fato de trazer à alma a recordação das ideias.

O que acorda a alma para o mundo da inteligibilidade é o amor, sentimento este que

inicialmente é carnal e apenas deseja o corpo belo. Paulatinamente, começa a desejar a própria beleza e o conhecimento de sua ideia.

Sendo mais prático e buscando outra possibilidade de interpretação, quando acometidos por uma lesão cerebral grave e a memória das palavras é profundamente afetada, um evento imprevisto pode, subitamente, devolver a memória dada como permanentemente perdida. “Seria isso possível se a lembrança tivesse sido depositada na matéria cerebral alterada ou destruída?”, nos provoca Henri Bergson, que responde: “Pareceria, antes, que as coisas se passam como se o cérebro servisse para recordar a lembrança e não para conservá-la”.

Essas necessárias provocações nos ajudam a refletir sobre a força da relação percepção-afeto, que podem ser aquilo que chamamos de patrimônio. Os agentes internos e externos indissociáveis nessa relação são a raiz de qualquer processo de patrimonialização. Alguém patrimonializa algo que se percebe fora da verve dos afetos? A percepção sempre é o que alcanço, logo, o que não tenho ou não sou, aquilo que me é externo. O afeto, assim, é com o que alcanço e contra o que reajo, está dentro de mim. Talvez possamos aqui dizer que o sensível está para além do que acontecia no interior da “caverna platônica”.

O poder do afeto é inquestionável. O corpo (indivíduo ou coletivo) é origem e derivado da combustão percepto-afetiva. A questão é: Como a percepção da caverna onde estamos sendo

forjados tem sido molde do afeto gerado nas pessoas. Os objetos, seja um pedaço de tecido ou um conjunto arquitetônico centenário, em determinado espaço ganham ou perdem força afetiva de acordo com a narrativa construída sobre si. Viver é criar narrativa, sobre si e sobre (e a partir d') o outro. Se determinado objeto é abandonado ou soterrado, este não perde potência narrativa. Se mantém como mundo das ideias à espera de um encontro, o que vai gerar percepção, ativando afetos, suscitando lembranças, removendo ou ressignificando reminiscências, ativando memória, escrevendo narrativas históricas, ecoando num novo recorte de tempo. O corpo-afeto e seu complexo de narrativas possíveis podem nos ajudar a construir uma estrada a ser explorada. Daí a necessidade de uma educação patrimonial acerca dos objetos que são reminiscências para determinado grupo na sociedade. Todo grupo tem seu conjunto de objetos patrimonializados. O que difere um prato de barro de uma porcelana chinesa não é a sofisticação técnica desempenhada em sua construção, mas o valor nele impresso pelo grupo dominante em uma sociedade complexa e com desigualdade social e política.

Espaço todos temos, mas “espaço” é algo muito amplo. No espaço são muitos os territórios, e patrimonializar é reconhecer esse ou aquele território. Esse reconhecimento é o mesmo que gerar ou transformar percepção, o que nos leva

de volta ao afeto. Musealizar é uma outra etapa. É encontrar ou criar um lugar dentro do território. Esse lugar é onde o afeto e o amor, ainda que platônico, têm a chance de transbordar para dentro de quem o acessa. Sim, o transbordo não é mão única. Uma piscina vazia mantém sua borda e se o líquido escorre no entorno da piscina, esse líquido transpõe-se à borda para dentro. Uma vez que encontra seu limite, a piscina devolve o transbordo para fora de si e já não é mais possível compreender o que é dentro ou fora nessa relação. Está aí a percepção e o afeto. O de fora e o de dentro. A “con-fusão”. Nos termos de Milton Santos, o conjunto de fixos e fluxos, a realidade geográfica.

O próprio Milton Santos também nos lembra que “a força de transformação e mudança, a surpresa e a recusa ao passado, vêm do agir simbólico, onde o que é força está na afetividade, nos modelos de significação e representação. A importância do lugar na formação da consciência vem do fato de que essas formas do agir são inseparáveis, ainda que, em cada circunstância, sua importância relativa não seja a mesma”. É claro que o Cais do Valongo sofreu, sofre e ainda sentirá a força do agir simbólico, seja ele pró ou contra tal bem transformado em narrativa e em patrimônio. Ali está a fração (ou frações) e a totalidade do que somos. Trata-se de um jardim e “o jardim é a menor parcela do mundo e é também a totalidade do mundo”, como diz Michel Foucault ao classificar as heterotopias, lugar de

muitos lugares justapostos, da simultaneidade. Nossa sociedade sabe lidar com a totalidade? E com as frações?

Em nosso encontro tentaremos expor e contrapor as ideias de patrimônio (material e imaterial), educação, memória e tempo. O tempo, e também o espaço, são de ação de transformação, de ativação a partir de novas percepções a caminho de antigas identidades e/ou de novos afetos. O Cais do Valongo é o cais de ideias por excelência e por semântica também. Um cais não é um lugar de chegada: “a hora do encontro é também despedida”, diz a letra de uma linda canção de Milton Nascimento. A chegada também é partida. Quem chega parte, nem que seja de si mesmo. Assim nos encontraremos a fim de nos despedirmos de parte de nós e construirmos (ou resgatarmos) memórias e narrativas, decolonizando as verdades, humanizando nossas relações com o outro e conosco.

O patrimônio é uma ferramenta de construção e de manutenção de narrativas históricas e sociais. Uma vez desenterrado dos escombros da cidade e das memórias, o Cais do Valongo carrega essa característica. De “mãos dadas” com outros processos de patrimonialização de objetos e lugares com a mesma carga identitária, a ideia do Cais como patrimônio material e imaterial já vinha se materializando através de grupos de pesquisas, artigos, matérias jornalísticas, entre outras estratégias,

antes mesmo de seu reconhecimento por parte da UNESCO.

Fala-se muito do lugar e de sua importância memorial para as identidades negras e seus resquícios no presente. Mas memória está em que tempo? Ou memória é espaço? O Cais do Valongo é memória dos negros ou também dos brancos? Na fundamentação desse encontro falei sobre o fenômeno da percepto-afeição mas afeto é tempo ou espaço? O afeto nos ilude diante do objeto que pode ter sido devidamente organizado de forma premeditada para nos levar a determinada conclusão?

A linguagem, quando apaga a língua, a palavra, reduz a força do afeto, dado que palavra também é poderoso agente ativado pela percepção. Palavra é vibração, seja ela escrita ou falada. Digo isso pois, quando escrita, depende da ação luminosa e a luz, como sabemos, se propaga através de ondas de maior e menor frequência. A luz tem velocidade, logo, o que vemos se dá no deslocamento. Sobre o som podemos definir o mesmo. Som é vibração. Se tímpano ou se retina, tanto faz. Palavra é vibração, é movimento. Quais são as palavras que vão nos ajudar a redefinir o presente do Cais. O passado e o futuro são ilusões maravilhosas que nos seduzem a todo momento. Precisamos de ilusões, até para nos des-iludirmos de nós mesmo. A desilusão de determinado passado é necessária. Precisamos morrer de nós mesmos para forjar, cada vez

mais, novos aspectos de nossas linhagens. Criar novas ilusões no tempo para que a ilusão do futuro seja tão prazerosa quanto o sonho, que é passado e futuro funcionando desordenadamente num presente de suspensão para que uma nova ordem se torne possível. Aliás, sonho é tempo ou espaço?

Somos no presente o sonho, a ilusão, a memória, a linguagem e o cais de milhões de pessoas que ancoraram forçadamente seus corpos a partir de lugares como o Cais do Valongo. Criamos estratégias de luta, de guerra, de sobrevivência e de resiliência nas mais diferentes condições. Somos os cansados e os conformados, os aliados e inimigos de nós mesmos porque resultamos de tentativas quase bem sucedidas de apagamentos do que realmente fomos em outro tempo e espaço.

Pensadores para debate:

Milton Santos (1926 - 2001)

Bacharel em Direito e Doutor em Geografia, foi um dos grandes pensadores brasileiros, tendo se dedicado principalmente às questões relacionadas ao estudo dos saberes e práticas da geografia de modo abrangente. Obra destacada: A Natureza do Espaço (1996)

Joseph Ki-Zerbo (1922 - 2006)

Historiador de Burkina Faso, foi um importante pensador da história e cultura africana, sendo também um dos principais líderes políticos do

seu país natal. Obra de Destaque: Metodologia e pré-história da África | Volume 1 da Coleção História Geral da África (UNESCO) (2010).

Henri Bergson (1859 - 1941)

Filósofo e diplomata francês, foi um dos grandes pensadores do pensamento europeu sobre o tempo, a memória e a sociedade. Obra de Destaque: Matéria e Memória (1896)

 **A DÚVIDA**

→ Existe processo de reeducação patrimonial fora de uma motivação decolonial?

 **O DEVIR**

Se um quilombo é a imagem da resistência ao sistema opressor de um grupo social, não há nada mais resistente do que nossos corpos, em constante resistência. Somos o tempo-espaço dos nossos corpos que se transformam em quilombos particulares.

Negar o corpo ao tambor, por exemplo, é aceitar que a ancestralidade está presente nos objetos. Qualquer contato com um objeto de nossa ancestralidade nos devolveria ao ponto de chegada daqueles corpos acorrentados? A corrente que prendeu o corpo expandiu ou blindou nossas mentalidades? Como acessamos nossas mentalidades sem o reconhecimento de nossas ancestralidades? Num território de tamanha desigualdade racial, o seu corpo é linguagem e isso assusta porque a leitura social dessa linguagem é mais objetiva do que a idealizada língua fluente. A linguagem é subjetiva, assim como os lugares dentro dos territórios.

Diante disso, cabe reforçar a questão: educar para a patrimonialização tem função fora de uma motivação decolonial, que busca outros acessos de subjetividade e construção das identidades? Que nosso encontro nos ajude nesse processo.



De rolé por aí... Vivenciando o território

Para a construção de um sentido social do patrimônio cultural é indispensável a vivência nos espaços físicos e o contato com os elementos materiais que constituem as memórias da, e na, cidade. Nesta seção o objetivo é apresentar ações que ocorrem no território da Pequena África em diálogo com o Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo, e que já desenvolvem um intenso trabalho de educação, valorização e fortalecimento do seu valor histórico e cultural.

O Cemitério dos Pretos Novos



RAFAEL MORAES

Rafael Moraes é Turismólogo com Pós-graduação em Turismo Cultural pela USU, é Agente de Viagens e Guia de Turismo Regional RJ e Nacional. Professor da área de Turismo e Hospitalidade, possui mais de 20 anos de experiência no mercado turístico nacional e internacional, passando por diversas empresas e cargos, inclusive sócio fundador de seu próprio escritório de consultoria em turismo. Atualmente é voluntário no setor de Turismo Cultural do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos prestando assessoria turística e educacional na instituição.

O Cemitério dos Pretos Novos

RAFAEL MORAES

Não muito distante do sítio arqueológico do Cais do Valongo um outro local se destaca no circuito histórico e arqueológico da Pequena África, na zona portuária do Rio de Janeiro, e que foi descoberto por um acaso por uma família da região, o local é o sítio arqueológico do Cemitério dos Pretos Novos localizado na Rua Pedro Ernesto nº 36 e administrado pelo Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos/IPN, que vem a ser uma instituição privada, sem fins lucrativos e fundada em 2005... 09 anos após o achado arqueológico. O Cemitério dos Pretos Novos está a aproximadamente 800 metros do Cais do Valongo e foi de 1774 a 1831 o destino final dos negros escravizados que chegaram pelo Cais do Valongo e que por motivos diversos, dentre os quais a subnutrição e os maus tratos, não suportaram a travessia transoceânica.

Recebe este título por ser o local de destino dos corpos de africanos que morreram logo após a chegada, ou durante a quarentena que se fazia necessária devido a quantidade de doenças que se espalhava nos navios e que, como não haviam sido comercializados (vendidos) ainda nas lojas da região do Valongo, morriam sem uso... Ou seja, morriam novos. A descoberta de sua localização se deu ao acaso no ano de 1996, quando a Família Guimarães dos Anjos adquire o imóvel da Rua Pedro Ernesto nº 36 e ao começar uma reforma para a renovação do telhado, precisou-se realizar novas fundações na casa, para qual foi a surpresa se depararam com ossadas humanas

em grandes quantidades. Imediatamente a obra é paralisada e autoridades públicas de órgãos municipais e federais foram chamadas para tomarem ciência do ocorrido, ao pesquisarem o material encontrado, a região, e sua localização chegou-se à conclusão de que aquele achado arqueológico se tratava do até então perdido, a nível de localização, o Cemitério dos Pretos Novos que funcionou naquele local por aproximadamente 57 anos de forma contínua. Segundo o historiador do Núcleo de Pesquisa do Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos e mestre em História Cláudio Honorato:

“Não se sabe exatamente quantos corpos foram sepultados no cemitério, mas podemos estimar que o número de mortos era grande, pois somente no período de 1824 a 1830 foram enterrados 5.858 pretos novos de acordo com os registros da Cúria Metropolitana do Rio de Janeiro. Estima-se que entre 20 mil e 30 mil negros tenham sido inumados nessa necrópole durante a sua existência (1774-1831), período este que coincide com o de existência do mercado de escravos do Valongo.” (HONORATO, 2019)

Figura 1 – Sondagem arqueológica 2011-2017 (Pesquisa coordenada pelo Arqueólogo e professor de História Reinaldo Bernardes Tavares (Museu Nacional – UFRJ / IPN). Foto: Divulgação/IPN.

O Instituto de Pesquisa e Memória Pretos Novos/IPN abrange diversos seguimentos da

SEÇÃO 04

O Cemitério dos Pretos Novos

RAFAEL MORAES

cultura, tornando-se um espaço multidisciplinar com o intuito de promover o conhecimento histórico da escravidão a partir do sítio arqueológico do Cemitério dos Pretos Novos, reconhecendo-o como um lugar de memória sensível e de valor universal. Se tornando referência como um espaço museal que dissemina a história invisibilizada da escravidão e seus desdobramentos.

Seu espaço é dividido da seguinte forma: Memorial do Cemitério dos Pretos Novos com exposição permanente do achado arqueológico autoexplicativa e em ordem cronológica; Acervo Arqueológico com janelas arqueológicas expositivas; Biblioteca Pretos Novos com acervo de mais de mil títulos, entre livros e produções acadêmicas, nas áreas das ciências sociais, religiosidade, arqueologia, história, arte e cultura, entre outros assuntos relacionados à história e cultura africana e afro-brasileira; Galeria Pretos Novos de Arte Contemporânea que é um espaço dedicado a pesquisas curatoriais e ocupações artísticas que promovem reflexões sobre as questões de direitos humanos, racial e igualdade gênero, criada em 2012 tem por objetivo mudar a cena cultural da Região Portuária integrando o pensamento artístico contemporâneo com a história local de região; Auditório Pretos Novos para exibição de filmes, aulas temáticas, cursos e palestras sobre a temática do Instituto.

O IPN entende que o papel do museu é ser um espaço aberto e democrático, em constante

diálogo com o seu entorno, com a cidade e com o mundo. Suas atividades têm por principal objetivo estimular o conhecimento, a reflexão e a fruição do patrimônio histórico e cultural, sobretudo o que se relaciona à Zona Portuária e às culturas indígenas e afro-brasileira.

Com uma média de 20.000 visitantes por ano, oferece visitas guiadas pela exposição permanente, que apresenta a história invisibilizada da escravidão e seus desdobramentos, e pela galeria de arte contemporânea, com exposições de artistas que dialogam com o conteúdo do museu. A visitação é conduzida por profissionais capacitados pelo próprio IPN que atuam de forma voluntária, e que possuem formações diversas, dentre as quais: turismo, história, cultura, pedagogia, arqueologia e outras...

Turistas e visitantes chegam de diversas partes do país e do mundo, em grupos previamente organizados ou de forma individual, que ao tomarem conhecimento da história do Cemitério dos Pretos Novos “in loco” se surpreendem com a tamanha atrocidade infligida ao povo negro em nosso país. Estudantes do ensino fundamental e médio são a grande maioria nas visitas internas do IPN e encontram no espaço do Cemitério dos Pretos Novos a materialização do conteúdo exposto em sala de aula, compreendendo assim a importância de lembrarmos sempre desse crime contra a humanidade para que o mesmo jamais, e em tempo algum se repita.

Além disso, realizam rodas de conversas, oficinas lúdicas infanto-juvenis, palestras, seminários, workshops, minicursos, cursos de pós-graduação sobre a História da Cultura Africana e Afro-brasileira, Direitos Humanos e Educação Patrimonial, e organiza o Circuito externo de Herança Africana.

Com 15 anos de existência, o IPN acumula números impressionantes na sua trajetória: mais de 100 mil visitantes, mais de 25 exposições realizadas, mais de 278 oficinas com mais de 9.000 participantes, 6 turmas com mais de 200 alunos de pós-graduação, mais 7.000 alunos e educadores no Circuito de Herança Africana e mais de 1.200 títulos no acervo. Dentre os principais prêmios e reconhecimentos, estão o Prêmio Rodrigo Mello Franco de Andrade (IPHAN), em 2010, o Prêmio Porto Maravilha, em 2013, o Prêmio Fundação Gucci, em 2014, o reconhecimento da UNESCO: A rota dos Escravos, em 2014, e Prêmio Afro Nacional na categoria especial, em 2017.

Os projetos educativos do IPN promovem maior acesso ao conhecimento sobre a história da Zona Portuária do RJ e a perspectiva social e cultural de africanos, indígenas e seus descendentes no Brasil. Desta forma, o IPN pretende contribuir para a construção de uma reflexão crítica e uma sociedade mais justa e igualitária.

A DÚVIDA

→ No momento atual que estamos vivendo em nosso país, qual a importância de se manter aberto um local de memória como o Cemitério dos Pretos Novos?

O DEVIR

Com interesse em como, diante das revisões e desconstruções que os processos artístico-poéticos podem proporcionar demonstrando a complexidade e pluralidade vocal da história, antes vista apenas sobre o viés da hegemonia, podemos passar a trabalhar outras perspectivas dentro de sala de aula ou em qualquer espaço de educação. Levando em consideração que a mediação, em sua troca franca, é sempre capaz de produzir desconcertos que tornam ainda mais rico o contato educativo. Assim, podemos construir coletivamente noções de pertencimento e apropriação entre aqueles que antes tinham suas relevâncias e referências subtraídas dos livros da escola.

Ideias para cuidar e cultivar nossa Ancestralidade



MÃE CELINA DE XANGÔ

Valorixá com 30 anos de iniciação no Candomblé, gere sua casa de santo com ampla atividade e tem como parte da sua missão dividir esses ensinamentos de autoproteção, prosperidade e cuidado através da sabedoria dos Orixás. Gestora do Centro Cultural Pequena África desde 2008, é idealizadora e criadora do projeto O Poder das Ervas, que realiza oficinas e palestras de contato com os saberes do Candomblé a diversos eventos e públicos. Já participou de grandes eventos internacionais como o Festival WOW (2018, 2019, 2020), Festival Clímax (FRA) e Noite das Ideias 2020 (RJ). Sua oficina O Poder das Ervas já aconteceu no Rio no Museu do Amanhã, Museu MAR, Centro Cultural Pequena África, Academia da Ahlma e Retrato Espaço Cultural; em São Paulo na Pinacoteca e no Teatro Oficina e em Lion, na França, e Berlim, Alemanha.

Ideias para cuidar e cultivar nossa Ancestralidade

MÃE CELINA DE XANGÔ

Descoberta de centenas de objetos religiosos no sítio arqueológico do Cais do Valongo em 2011.

Devido ao início dos planos de desenvolvimento da cidade do Rio de Janeiro para as Olimpíadas de 2016, grandes projetos de infraestrutura desencadearam significantes mudanças no território urbano. Parte delas foram a arqueologia e as escavações realizadas, em 2011, na região portuária e central, em especial nos arredores da Av. Barão de Tefé, onde encontravam-se soterrados dois cais muito utilizados no século XIX como principais entradas ao país. Eram eles o Cais da Imperatriz, datado de 1843, construído por sobre o aterramento de outro, o Cais do Valongo, datado de 1811.

O Cais do Valongo foi, segundo a arqueóloga Tania Andrade Lima, a maior porta de entrada de negros africanos sequestrados de África e trazidos ao continente americano para serem escravizados, superando Portos das regiões do Caribe e Estados Unidos. Estima-se que foram centenas de milhares de pessoas negras que chegaram ao Brasil desembarcando no Cais do Valongo entre 1811 e 1843.

Durante as escavações, foram encontradas centenas de objetos de uso pessoal, religioso, de proteção e de outros usos na região. Exatos duzentos anos depois de sua inauguração, o Cais do Valongo foi redescoberto e com ele uma gama enorme de objetos a serem identificados e reconhecidos, que contavam detalhes muito relevantes da história negra afro-brasileira.

Além de instituições e pesquisadores internacionais envolvidos nas escavações e pesquisas, liderava o trabalho a professora Tania Andrade Lima e sua equipe da Arqueologia da UFRJ/Museu Nacional. Segundo ela, foram encontrados amuletos, milhares de contas de colares, anéis, brincos, pulseiras de cobre, centenas de cachimbos, figas, moedas perfuradas, cristais de quartzo e corais, centenas de búzios, efígies de entidades e orixás, utensílios de cozinha com representações e narrativas históricas, chifres de boi cortados, miniaturas de uso ritual, efun, pembas e muitas outras coisas (LIMA, 2013).

Praticamente todos estes objetos são de uso religioso e/ou ritualístico e seu uso ou real significado ou função dentro dos ritos não poderia ser desvendado pelos arqueólogos ou pesquisadores envolvidos. Além disso, eles guardavam detalhes e peças imprescindíveis para o quebra-cabeças histórico da época e principalmente para entender costumes, práticas e hábitos daquelas pessoas que foram obrigadas a abandonar suas histórias para viver sob condições inumanas de escravização.

Chamado e parceria com a Yalorixá Mãe Celina de Xangô e outras lideranças religiosas de matriz africana para reconhecimento, manuseio e estudo dos objetos encontrados: um encontro com a ancestralidade.

Para compor a equipe, auxiliar no trabalho e possibilitar uma abordagem adequada, respeitosa e reveladora aos objetos encontrados, foram chamadas quatro

sações

Ideias para cuidar
e cultivar a nossa
Ancestralidade

o banho de ervas

personalidades de reconhecimento por seus feitos às religiões de matriz africana, entre elas Mãe Celina de Xangô, através do mestre Ruben Confete. Foram longos meses de recolhimento, estudo, identificação e cuidado devido e necessário à preservação dos objetos pois, junto com eles, uma grande porta ancestral foi reaberta, desenterrada e posta à luz.

Para as pessoas de religiosidade afro-brasileira foi um marco significativo e potente espiritual e ritualisticamente. A religiosidade dos objetos trouxe pistas e revelações das origens, costumes, práticas e comportamento dos povos africanos chegados no Brasil no Cais datados de época ainda anterior a que se conhecia à época. Devido à magnitude da descoberta e da latência espiritual presente e crescente na região desde então, o Cais do Valongo ganhou, em 2017, o título de Patrimônio da Humanidade pela Unesco. O Cais do Valongo é hoje um grande terreiro a céu aberto pela enorme conjuntura ancestral que abriga e simboliza. Todo ano é realizada a lavagem oficial do Cais do Valongo como cerimônia de agradecimento, respeito, valorização e comemoração da história afro-brasileira e religiosa que foi redescoberta e que ainda mantém vestígios por lá. Como um banho, esta lavagem saúda todo o absurdo contingente de negras e negros que passaram por ali, reverencia orixás e outras entidades que ainda guardam o local e reascende a cada ano os poderes que o chão sagrado do local emana.

Banho de Folhas:

Os saberes das ervas estão presentes nas liturgias de matriz afro-brasileira, mas também estão presentes em nosso dia a dia. O projeto Poder das Ervas, desenvolvido por **Mãe Celina de Xangô**, se propõe a disseminar ensinamentos e práticas que podem ser aproveitados por qualquer pessoa que desejar ou precisar. Por isso **Mãe Celina de Xangô** traz uma indicação de Banho de Ervas para Prosperidade que pode ser feito facilmente:

Ervas necessárias: *Folhas de Elevante e folhas de Louro*

Modo de Preparo: macere as folhas na água numa bacia de forma calma, cuidadosa e muito focada em positividade e proteção. Após coar o conteúdo, reserve o bagaço para depois retorná-lo à natureza. Banhe-se com o líquido por 3 dias seguidos, da cabeça aos pés. Após o banho, evite roupas escuras e se resguarde para intensificar os efeitos.

É muito importante e significativo que cuidemos de nossa espiritualidade em respeito e devoção à nossa ancestralidade e à ancestralidade à nossa volta, das outras pessoas, dos ambientes, das cidades, do nosso país e da nossa história, por mais pesarosos e desumanos momentos que tenhamos percorrido.

Proteção, cuidado e axé a todas e todos!

Referências

Bibliografia complementar específica: LIMA, Tania Andrade. Arqueologia como ação sociopolítica: o caso do Cais do Valongo, Rio de Janeiro, século XIX. In: Vestígios - Revista Latino Americana de Arqueologia Histórica. Vol. 7, Nº 1, Jan-jun, UFMG, 2013.

CARNEIRO, Sandra de Sá; PINHEIRO, Márcia Leitão. Cais do Valongo: patrimonialização de locais, objetos e herança africana. Relig. soc., Rio de Janeiro, v. 35, n. 2, p. 384-401, Dez. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872015000200384&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 09/10/2020.

 **A DÚVIDA**

→ Como tratar, abordar, desvendar estes objetos, suas histórias, significações e propriedades religiosas para além dos estudos acadêmicos e científicos?

 **O DEVIR**

As reflexões que ficam são a respeito da necessidade e importância do olhar religioso e pela perspectiva das religiões de matriz africana para as descobertas arqueológicas e científicas. Além disso, a força de ancestralidade que ainda hoje permanece e prevalece no local, tornando-o um solo sagrado.

O trabalho de Mãe Celina de Xangô e das outras lideranças religiosas envolvidas concedeu um olhar aos objetos encontrados e recuperados que percebeu o que foi trazido de África e o que foi transformado ao longo da história, adaptado e reinventado por aqui. Entre reuniões, misturas e renovações das crenças e práticas religiosas a partir da diáspora africana no Brasil, a prática do banho de ervas ainda se destaca como uma forma prática e simples de proteção e cuidado espiritual. Assim como as Yalorixás e Babalorixás lavam o Cais do Valongo para proteção e manutenção espiritual, nós também podemos fazer uso de banhos e ervas para nos protegermos e cuidarmos de nossos corpos, cabeças e pensamentos.

Rolé pelo Porto do Rio e Primeira Favela



COSME FELIPPESEN

31 anos de idade, nascido e criado na primeira Favela do Brasil – O Morro da Providência. Guia de turismo. Coordenador do Comitê de Crise SOS Providência e Zona Portuária. Criador do Rolé dos Favellados. Foi integrante do FÓRUM COMUNITÁRIO DO PORTO e é participante do Quilombo da Gamboa.

Rolé pelo Porto do Rio e Primeira Favela

COSME FELIPPSEN

A Zona Portuária da cidade do Rio de Janeiro é palco de grande marcos históricos do Brasil. Em 2009, na preparação dos megaeventos a prefeitura criou a Lei do Porto Maravilha, a qual propiciou a criação de novidades no cenário artístico-cultural da cidade. No entanto, é importante evidenciar que o território já



contava com movimentações sócio-culturais como: Instituto Pretos Novos, Companhia de Myistérios e Novidades, Centro Cultural José Bonifácio, Escola de Samba Vizinha Faladeira, Associação Cultural Recreativa Afoxé Filhos de Gandhi e outros.

Vivemos uma realidade de muita opressão, sobretudo aos mais pobres e negros que estão localizados nas favelas. Desmistificar e trazer informações da favela para uma sociedade classista é de extrema importância. O Rolé dos Favelados faz isso há 2 anos (conferir) com afinco, afeto e esperança. Hoje o Rolé está

sendo citado na Universidade como uma nova forma de guiamento na cidade. Sendo assim essa prática precisa continuar e necessita de apoio.

Rolé dos Favelados

O Rolé dos Favelados é um guiamento de militância pelo Rio de Janeiro e suas favelas. Em 2016 os ativistas Cosme Felippsen e Gizele Martins tiveram a ideia de fazer caminhadas pela cidade trabalhando as temáticas da favela, direitos humanos, direito à favela e direito à cidade.

Desde então o Rolé tem acontecido toda semana em territórios como a Primeira Favela - Morro da Providência, Vila Autódromo, Rocinha, Maré, Morro do Alemão, Santa Marta, Zona Portuária - Pequena África & Herança Africana e Bairro da Paz em Salvador - Bahia.

Já foram guiados mais de 7000 mil pessoas. Essas pessoas são a maioria da academia e brasileiros. Vem com um “pré conceito” sobre a favela e saem com pensamentos modificados pelo o que ouviram e viram.

A proposta desta ação é desmistificar a ideia pré concebida do morro e do “ser favelado”, da cidade do Rio de Janeiro enquanto destino turístico só de praias, belezas naturais. “O Rolé dos Favelados é uma soma de um pouco de turismo com muita informação de militância e luta”.

É bastante presente os roteiros turísticos cariocas visitas às comunidades, que na maioria

SEÇÃO 04

Rolé pelo Porto do Rio e Primeira Favela

COSME FELIPPSEN

das vezes trata o espaço e seus moradores como exóticos, diferentes e elementos a serem fotografados e expostos sem quaisquer reflexões mais apuradas ou mesmo contextualização social do local visitado. Esse turismo predatório expressa o preconceito e os estereótipos, onde agências e seus guias se utilizam das comunidades visando apenas o lucro, sem nenhum retorno às próprias localidades. O Rolé dos Favelados procura



combater esse turismo e elaborar uma narrativa sobre a história, memória, personalidades e resistência desses territórios através de seus próprios moradores. Procura refletir sobre as desapropriações, especulação imobiliária, embates políticos, sociais e econômicos, lutas que ocorrem constantemente nas comunidades, devido ao racismo estrutural.

Outro ponto levantado é o título de “favelado”, “favelada”, que no senso comum é utilizado como forma pejorativa, negativada e na

produção discursiva do rolé é protagonista. Favelado é aquele que mora na favela, o morador e não uma condição específica e limitadora referente a um caráter ou mesmo personalidade. Pensar um guiamento turístico militante é entender que ser nascido e criado no espaço da favela vem com estigmas sociais muito fortes, com preconceitos enraizados e essa vida já é uma vida de militância. Mesmo que não se conheça a fundo as lutas de classe, ou os discursos acadêmicos, ser favelado é conhecer essa realidade na prática.

O que é favela?

Essa é uma das perguntas que orientam a visita, essa proposta de interação para conseguir elaborar os conceitos sobre favela, os significados que a própria palavra carrega. O Rolé é uma aula à céu aberto em que vários assuntos são discutidos como: o direito à cidade, cultura, segurança pública, direito à favela, saneamento básico e direitos humanos. A ideia é que através dessas trocas seja possível refletir novo olhares e o reconhecimento.

Elaborar o Rolé dos Favelados fala sobre a minha própria condição de sujeito da experiência, negro favelado, e não dissociado disso, como sujeito do conhecimento. Conhecimento esse que é construído pela ancestralidade, bem como pelas memórias comunitárias. Isso tudo imerso, com lutas e militância, em minha profissão de guia de turismo.



Compartilhar, neste trabalho, as memórias, tanto dos territórios quanto da pertença étnico-racial das pessoas participantes do guiamento, fomenta possibilidades dialógicas de construção coletiva dos conceitos: favela, cidade, direitos humanos.

O **Morro da Providência** é historicamente a primeira favela do mundo, ficou conhecido como “morro da favela” há 120 anos, quando soldados que lutaram na Guerra de Canudos ali acamparam, a fim de exigir uma bonificação do exército. Além das famílias dos ex-combatentes

SEÇÃO 04

Rolé pelo Porto do Rio e Primeira Favela

COSME FELIPSEN

também se concentraram na região ex-escravizados e uma grande população negra que habitava a cidade do Rio de Janeiro desde a Lei do Ventre Livre em 1871, número que cresceu ainda mais no pós-abolição. Nessa mesma época surgiram diversos cortiços e moradias comunitárias na região Central da cidade, devido à procura por empregos, principalmente na área da construção. O “Cabeça de Porco” foi o cortiço mais famoso, destruído em 1893 numa evidente política de higienização social, deixando muitas famílias desabrigadas. O Morro da Providência se torna então o local onde essas pessoas de baixa renda, ex-escravizados e migrantes constituem moradia.

Referências

Fórum Comunitário do Porto - <https://forumcomunitariodoporto.wordpress.com/>
Acessado em 01 Out 2020.

FARTO, Alexandre. Descascando a superfície. Vhilstudio, 2013.

Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro. Dossiê do Comitê popular da copa e olimpíadas do Rio de Janeiro maio de 2013.

Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro. Dossiê do Comitê popular da copa e olimpíadas do Rio de Janeiro maio de 2014.

Megaeventos e violações dos direitos humanos no Rio de Janeiro. Dossiê do Comitê popular da copa e olimpíadas do Rio de Janeiro maio de 2015.

A DÚVIDA

→ No momento atual que estamos vivendo em nosso país, qual a importância de se manter aberto um local de memória como o Cemitério dos Pretos Novos?

O DEVIR

Com interesse em como, diante das revisões e desconstruções que os processos artístico-poéticos podem proporcionar demonstrando a complexidade e pluralidade vocal da história, antes vista apenas sobre o viés da hegemonia, podemos passar a trabalhar outras perspectivas dentro de sala de aula ou em qualquer espaço de educação. Levando em consideração que a mediação, em sua troca franca, é sempre capaz de produzir desconcertos que tornam ainda mais rico o contato educativo. Assim, podemos construir coletivamente noções de pertencimento e apropriação entre aqueles que antes tinham suas relevâncias e referências subtraídas dos livros da escola.

Caminhos de Tia Ciata: a matriarca do samba



EVANDRO LUIZ DA CONCEIÇÃO E GRACY MARY MOREIRA

Evandro Luiz da Conceição, Jornalista, escritor, roteirista e mestre em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Cria das oficinas de novos autores na FLUP, já teve contos publicados em diversas coletâneas, como “Contos para depois do ódio – inspirados nas canções de Marcelo Yuka”. Participou de duas edições do Laboratório de Narrativas Negras para o Audiovisual, iniciativa da FLUP e integrou a primeira turma de formação de roteiristas negros ministrada pela TV Globo. Atualmente é pesquisador de conteúdo na emissora carioca e coordenador de Comunicação da Organização Remanescentes de Tia Ciata (ORTC).

Gracy Mary Moreira, preside e coordena os projetos da Casa da Tia Ciata, é membro do Comitê Gestor do Cais do Valongo Patrimônio da Humanidade, membro do Fórum Permanente de Educação e Diversidade Étnico Racial do Estado do RJ, membro da consultoria do dossiê do Sítio Arqueológico do Cais do Valongo; membro Gestor das Baianas de Acarajé; Foi curadora/Diretora do Museu do Negro. Fez parte da comissão organizadora da Conferência Municipal da Igualdade Racial da coordenação na Liga de Capoeira do Rio/baixada, foi Conselheira Estadual de Políticas Culturais do Rio de Janeiro, indicada pelo poder público, por relevância Cultural, palestrante em várias universidades e no ColaborAmerica, Organizou Mesa e Workshop na Conferência Internacional African/Diaspora Migrations, Displacements and Movements: Histories, Politics and Poetics (Diáspora Africana e Migrações de Povos: Histórias, Políticas e Poesias) na Universidade de Howard no Estados Unidos, é uma das Embaixadoras da Caminhada pelo Fim da Violência contra as Mulheres do Grupo Mulheres do Brasil – RJ.

Caminhos de Tia Ciata: a matriarca do samba

EVANDRO LUIZ DA CONCEIÇÃO
E GRACY MARY MOREIRA

Hilária Batista de Almeida (1854-1924), a Tia Ciata, veio do Recôncavo Baiano para o Rio de Janeiro em 1876 e tornou-se uma importante liderança. Quando desembarcou no Caís do Valongo, uma das principais entradas de negros escravizados no Brasil vindos do continente africano, ela morou primeiro na Pedra do Sal (MOURA, 1983).

Empreendedora, tornou-se a primeira mulher a vestir-se com o traje tradicional de baiana para vender seus famosos quitutes na Rua da Uruguaiana. Dona de uma admirável capacidade de articulação, num exercício de sororidade e empoderamento feminino, Tia Ciata estimulava as outras baianas a empreender (IRACI; ROSA; RUFINO, 1987).

Também organizou o que hoje chamamos de sindicatos das baianas, o que garantia uma rede de apoio às mulheres negras trabalhadoras que tiravam dos tabuleiros que tomavam as principais ruas da região central da cidade, o seu sustento. Figura afetiva e com senso de coletividade, por ser muito conhecida na região central, era uma espécie de assistente social e ajudava no reencontro de familiares separados pela diáspora africana e o processo de escravidão (SOARES, 2011; 2013; HALL, 2003).

A partir de uma infusão de ervas, Tia Ciata curou o presidente Venceslau Brás, desenganado pela medicina convencional, de uma enfermidade nas pernas. Por acreditar que caridade não se cobra, recusou o pagamento que o mandatário

lhe oferecera, mas após muita insistência aceitou a promoção do marido, um funcionário público, para trabalhar com chefia do gabinete de polícia. Cozinheira de mão cheia, ela costumava receber em sua casa na Cidade Nova boêmios, políticos, artistas, intelectuais, músicos e sambistas.

Heitor dos Prazeres, figura cativa destas reuniões, afirmou certa feita que a movimentação na casa da baiana representava o continente africano. Por ser um lugar de acolhimento, um abrigo de negros, capoeiras, baianas, judeus, islâmicos e ciganos, aquele espaço afetivo configurava-se num lugar de resistência, a capital da Pequena África.

Fundada em 2007 por Gracy Mary Moreira, bisneta da matriarca do samba, a Organização Cultural Remanescentes de Tia Ciata – Casa da Tia Ciata é regida pelo signo da resistência e protagonismo de sua própria história. A instituição tem se destacado na atuação focada na manutenção do legado e da tradição por meio de uma educação patrimonial através dos programas “Nossas identidades” e “Multiplicando Saberes”. Entre as atividades da casa, localizada próxima ao Caís do Valongo, o tour “Caminho da Tia Ciata”, visita guiada de contação de história promove uma imersão ancestral.

As oficinas de jongo, capoeira com maculelê, de tambor, do Bloco Batuke de Ciata, inclusive os colóquios Memória da Ancestralidade da Pequena África e Sua Resistência, e as

SEÇÃO 04

Caminhos de Tia Ciata:
a matriarca do samba

EVANDRO LUIZ DA CONCEIÇÃO
E GRACY MARY MOREIRA

palestras ministradas também são parte de uma vivência e preservação da memória. Levando em consideração a importância do audiovisual na construção de narrativas negras, o Cine Deburu apresenta filmes seguidos de debate sobre o protagonismo negro brasileiro e a luta antirracista. Uma vez por mês, o “Samba da Cabaça”, apresenta repertório com o melhor do samba de raiz e celebra o legado de Tia Ciata e faz menção às tias baianas com a histórias. No dia 20 de novembro, data em que celebramos o Dia da Consciência Negra, o cortejo de Tia Ciata tradicionalmente toma as ruas da Praça XI. Embalado por sambas e ijexas, desfila a escultura de cinco metros de altura da matriarca desfila pela Avenida Presidente Vargas, se encontra com a estátua de Zumbi dos Palmares e reverência este outro símbolo de resistência com um rufar de tambores.

Referências

ALVES, Henrique. Sua Excelência o Samba. 2ª ed. São Paulo: Símbolo, 1976. ALENCAR, Edgar de. O Carnaval Carioca Através da Música. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1985. V.1.

CABRAL, Sérgio. No Tempo de Almirante – uma História do Rádio e da MPB. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

_____. No Tempo de Noel Rosa. 2ª ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

_____. As Escolas de Samba do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Lumiar, 1996.

HALL, Stuart. Da diáspora. Identidade e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LOPES, Nei. Partido-alto: samba de bamba. Rio de Janeiro: Pallas, 2005.

JOTA, Efegê. Figuras e Coisas do Carnaval Carioca. Rio de Janeiro: Funarte.

MATOS, Cláudia Neiva. Acertei no milhar: samba e malandragem no tempo de Getúlio. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

MOURA, Roberto. Tia Ciata e a Pequena África no Rio de Janeiro. — 2ª edição — Rio de Janeiro; Secretaria Municipal de Cultura, Dep. Geral de Doc. e Inf. Cultural, Divisão de Editoração, 1995.

RUFINO, Alzira; IRACI, Nilza; ROSA, Iraci. Cartilha Mulher Negra tem História. Santos: Eboh Ed. e Livraria Ltda, 1987.

SOARES, Carlos Eugênio Líbano. A Pequena África: um portal do Atlântico. Rio de Janeiro: Ceap, 2011.

_____. Valongo, Cais Dos Escravos: Memória Da Diáspora E Modernização Portuária Na Cidade Do Rio De Janeiro, 1668 – 1911. Rio de Janeiro: Departamento de Antropologia, Programa de Pós- Graduação em Arqueologia/Museu Nacional/ UFRJ, 2013.

SODRÉ, Muniz. O terreiro e a cidade. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 1988.

_____. Samba, o dono do corpo. Rio de Janeiro: Mauad, 1998.

_____. Claros e Escuros: identidade, povo e mídia no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1999.

A DÚVIDA

→ No momento atual que estamos vivendo em nosso país, qual a importância de se manter aberto um local de memória como o Cemitério dos Pretos Novos?

O DEVIR

Com interesse em como, diante das revisões e desconstruções que os processos artístico-poéticos podem proporcionar demonstrando a complexidade e pluralidade vocal da história, antes vista apenas sobre o viés da hegemonia, podemos passar a trabalhar outras perspectivas dentro de sala de aula ou em qualquer espaço de educação. Levando em consideração que a mediação, em sua troca franca, é sempre capaz de produzir desconcertos que tornam ainda mais rico o contato educativo. Assim, podemos construir coletivamente noções de pertencimento e apropriação entre aqueles que antes tinham suas relevâncias e referências subtraídas dos livros da escola.

VALONGO

CAIS DE DESTINOS

Vídeo Educativo

Duração: 13 minutos

FICHA TÉCNICA

Direção e Fotografia

Bernardo Tinoco, Guido Ferreira,
Victor Gugliermetti

Produção

Guido Ferreira

Assistência de Direção

Marcos Nunes

Roteiro

Cristiane Dantas

Edição

Bernardo Tinoco,
Victor Gugliermetti



SINOPSE

Será possível mudar o passado? Essa é a principal pergunta trazida por “Valongo: Cais de Destinos”. Quando a história de milhões de pessoas é apagada a força, quem a conta é o território. O ponto de partida é o Sítio Arqueológico e Histórico do Cais do Valongo, Patrimônio Cultural da Humanidade e principal local de chegada de africanos escravizados das Américas. Os destinos, lugares de memória da ancestralidade afro-brasileira e da resistência cultural e política da população negra à violência e à exclusão resultantes da escravização e do racismo estrutural.

Realização

Instituto de Desenvolvimento e Gestão -
IDG

Diretor Presidente

Ricardo Piquet

Diretora de Projetos e Parcerias

Julianna Guimarães

Gerente Geral de Projetos

Robson de Almeida

Gerente de Projetos

Valéria Ferro

Gerente de Comunicação

Geisa Agrício

Analista de Projetos

Max Sales

**Consultora de Conteúdo/
Educação e Relações
Comunitárias**

Laura Taves

**Coordenadora de Educação do
Projeto Cais do Valongo**

Jéssica Hipólito

**Coordenador de Conteúdo do
Projeto Cais do Valongo**

Luis Araújo

Apoio

State Grid Brazil Holding

Prefeitura da Cidade do Rio de
Janeiro

BNDES

IPHAN

Secretaria Especial de Cultura

Ministério do Turismo

Governo Federal



PROJETO DE EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

CAIS DE IDEIAS

VALONGO

Realização:



Apoio:



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

